

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

PATRÍCIA AUSTREGESILO RIZZI

**A TRANSMISSÃO PSÍQUICA COMO POSSÍVEL POTENCIALIZADORA DO
SOFRIMENTO HUMANO**

SÃO PAULO

2023

PATRÍCIA AUSTREGESILO RIZZI

**A TRANSMISSÃO PSÍQUICA COMO POSSÍVEL POTENCIALIZADORA DO
SOFRIMENTO HUMANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como parte dos requisitos exigidos para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do prof. Ricardo Radin Bueno.

SÃO PAULO

2023

Ao meu avô, Antônio Austregesilo, que me transmitiu a curiosidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu professor e orientador, Ricardo Radin, por todo o empenho durante os últimos cinco anos, por ter me introduzido na Psicanálise, me acompanhado durante as primeiras experiências de estágio e, agora, encerrar esse ciclo comigo. Muito obrigada por todas as trocas, conversas e dedicação.

Agradeço à minha professora, Teresa Endo, pelo apoio durante a escolha do tema e pelas indicações de textos. Obrigada por se disponibilizar a ser parecerista deste trabalho.

Agradeço também à minha mãe, Heloisa, e ao meu avô, Antonio, pelos longos almoços de domingo - as suas intermináveis conversas e discussões sobre a filosofia e o inconsciente me trouxeram até aqui.

Agradeço ao meu pai, Roberto, e às minhas irmãs, Renata e Julia, por todo o apoio e incentivo em todas as fases da minha vida.

Agradeço ao Michel pelo carinho e aos meus amigos de faculdade, que tornaram esses cinco anos mais leves e divertidos.

Os rios, esses seres que sempre habitaram os mundos de diferentes formas, são quem me sugerem que, se há futuro a ser cogitado, esse futuro é ancestral, porque já estava aqui

- Ailton Krenak

RESUMO

O presente trabalho visou estudar, através de um olhar da Psicanálise, a transmissão psíquica entre as gerações familiares. Para tanto, foi definido o conceito de grupo, buscando-se compreender as relações existentes na família em que, ao nascer, o bebê é herdeiro de um material que não reconhece como seu, compactuando com aquilo que lhe é transmitido por medo de perder o amor da sua família - grupo que o cuida e o ampara. Foram analisados textos que tratavam sobre a transmissão psíquica já em Freud – em especial em *Totem e Tabu*, *Introdução ao Narcisismo*, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, *O Eu e o Id*, *A Dissolução do Complexo de Édipo* e *Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaio*s. Em seguida, foram definidas as diferentes formas de transmissões psíquicas, sendo elas: a intergeracional e a transgeracional, a partir de psicanalistas contemporâneos, como René Kaës, Olga Correa, Evelyn Granjon, Tatiana Inglez-Mazzarella, Janine Puget, dentre outros. Também foram apresentados os conceitos de repetição e não-ditos – importantes ferramentas psíquicas que atuam na perpetuação das histórias familiares. Para melhor exemplificar o potencial de sofrimento envolvido na clínica do transgeracional, foi apresentado o filme *Álbum de Família* e arriscadas algumas possíveis análises sobre as personagens. Por fim, foi proposta a Terapia Familiar Psicanalítica como um possível espaço de elaboração do material irrepresentável, para que o sujeito possa inscrever a sua história em sua psique e ser quem de fato é.

Palavras-chave: transmissão psíquica; transgeracional; psicanálise.

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	08
II.	A TRANSMISSÃO PSÍQUICA NA PSICANÁLISE	11
II.I	O Estudo da Transmissão em Freud	15
III.	MODALIDADES DE TRANSMISSÃO PSÍQUICA	21
III.I	A Transmissão Psíquica Intergeracional	27
III.II	A Transmissão Psíquica Transgeracional	28
III.II.I	O Não-Dito	31
III.II.II	A Repetição	34
IV.	ANÁLISE DO FILME ÁLBUM DE FAMÍLIA SOB A PERSPECTIVA DA TRANSMISSÃO PSÍQUICA TRANSGERACIONAL	37
IV.I	Apresentação dos Personagens	38
IV.I.I	Beverly	38
IV.I.II	Violet	38
IV.I.III	Barbara	39
IV.I.IV	Karen	40
IV.I.V	Ivy	41
IV.I.VI	Mattie Fae	41
IV.I.VII	Johnna	42
IV.II	Desenvolvimento da História e Possíveis Leituras dos Simbolismos de <i>Álbum de Família</i>	42
V.	A TERAPIA FAMILIAR PSICANALÍTICA COMO POSSÍVEL ESPAÇO PARA A ELABORAÇÃO DO IRREPRESENTÁVEL	50
VI.	CONCLUSÃO	54
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

I. INTRODUÇÃO

Em meio aos meus estudos durante os anos de graduação em Psicologia, combinados com uma pequena vivência clínica em estágio, me surpreendeu o impacto que o grupo familiar produz na formação psíquica do sujeito.

Interesse esse antigo meu, desde a minha formação na Faculdade de Direito em 2016, onde me propus a estudar a alienação parental e suas consequências no meu Trabalho de Conclusão de Curso, em uma tentativa de compreender o efeito da função parental na vida da criança. Daquele trabalho surgiram algumas questões que pretendo discutir no presente texto, tais como: quais são os fundamentos inconscientes que entrelaçam o sujeito no grupo familiar? E quais elementos psíquicos são consequências dessas relações?

A curiosidade pelos temas da família e da subjetividade foram algumas das motivações que me levaram a ingressar na Faculdade de Psicologia em 2019, interessada em saber mais sobre tudo aquilo que é desconhecido à consciência. Encontrei, encantada nas questões propostas pela Psicanálise, um embasamento teórico de estudo, em que o sujeito é compreendido através da noção de inconsciente, marcado pela falta e atravessado por outros indivíduos.

A partir desses meus interesses de estudo, participei da Monitoria de Psicanálise da PUC/SP, em que pude me aprofundar nos conteúdos e nas discussões sobre o inconsciente, através da participação em aulas, leituras de textos e discussões.

Durante o terceiro ano de graduação, vivi a minha primeira experiência clínica e pude entrar em contato com a realidade do psicólogo, a partir do acompanhamento de pacientes psicóticos junto ao Grupo de Invenção e Pesquisa (GIP), em um estágio supervisionado pela PUC/SP. Naqueles encontros, me despertou especial curiosidade a relação simbiótica entre psicóticos e suas mães, tema que me dediquei durante o meu Projeto de Pesquisa.

Naquele mesmo semestre, inaugurei o meu atendimento na Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic e pude perceber, tanto no meu estágio com um paciente adolescente quanto nos casos relatados pelos meus colegas em aulas de supervisão, a influência da família no sofrimento psíquico e na produção de sintomas do sujeito. Observação essa reforçada no meu atual estágio na Clínica com uma criança de 10

anos de idade, bem como ao longo do meu trabalho em escola com crianças e adolescentes de 10 a 14 anos, desde o início de 2022.

A partir desses estudos e vivências, surgiram algumas questões que o Projeto de Pesquisa elaborado por mim em 2022 não era capaz de alcançar. O objeto dessa pesquisa se tornou mais abrangente, e fui em busca de compreender algumas novas perguntas sobre o funcionamento da família e seus desdobramentos na formação dos sujeitos.

Ao longo dos meses de preparação e elaboração do presente Trabalho de Conclusão de Curso, meu professor e orientador, Ricardo Radin, e eu nos dedicamos a estudar as influências e atravessamentos da transmissão psíquica na formação da subjetividade do indivíduo, refletindo sobre a função do não-dito e do segredo familiar, bem como da importância do irrepresentável e da repetição para mantê-los obscuros e desconhecidos à consciência. Em resumo, queríamos melhor entender se é possível que o sujeito se separe daquilo que não lhe pertence e seja quem de fato é.

Para tanto, buscamos bibliografias em autores estudiosos do tema, como René Kaës, Olga Correa, Evelyn Granjon, Tatiana Inglez-Mazzarela, Janine Puget, dentre outros. Retornamos também aos textos de Freud, buscando compreender as suas análises sobre a estrutura familiar e as formas de transmissão psíquica entre as gerações humanas e a sociedade como um todo. Por fim, pesquisamos casos clínicos para demonstrar a violência presente na transmissão transgeracional e encontramos no filme “Álbum de Família” algumas importantes ilustrações referentes ao sofrimento comum do sujeito que herda algo que não lhe pertence.

Após as nossas pesquisas e conversas, decidimos estruturar o presente trabalho em quatro capítulos para melhor apresentação dos nossos estudos:

No primeiro capítulo, apresentamos os conceitos de transmissão psíquica na psicanálise, percorrendo o estudo do tema nas obras de Freud - em especial, nos textos *Totem e Tabu* (1912-1913/2012), *Introdução ao Narcisismo* (1914/2010), *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1920/2011), *O Eu e o Id* (1923/2011), *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924/2010) e *Moisés e o Monoteísmo: Três Ensaio* (1939/2018).

No segundo capítulo, são discutidas as motivações da transmissão psíquica, sendo abordadas as suas modalidades intergeracional e a transgeracional, com as suas possíveis consequências. Em seguida, são apresentados alguns possíveis instrumentos da transmissão psíquica transgeracional, como o não-dito e a repetição.

No terceiro capítulo, a partir de conceitos apresentados anteriormente, arriscamos algumas possíveis leituras psicanalíticas do filme *Álbum de Família* (*August – Osage County*, 2013), que acompanha uma dinâmica familiar atravessada pelo transgeracional.

No quarto e último capítulo, apresentamos a Terapia Familiar Psicanalítica como um possível espaço de elaboração do irrepresentável, se mostrando como uma possibilidade de elaboração psíquica às famílias permeadas pelos segredos e não-ditos.

Ao final, são apresentadas algumas reflexões sobre o trabalho e as referências bibliográficas utilizadas ao longo da nossa pesquisa.

II. A TRANSMISSÃO PSÍQUICA NA PSICANÁLISE

O tema da transmissão psíquica, como será demonstrado ao longo do presente trabalho, é atual e relevante para a clínica psicanalítica, sendo o seu estudo um amplificador para a escuta do analista, oferecendo variadas possibilidades de intervenções clínicas sempre que se deparar com as repetições trazidas pelos analisandos.

A psicanálise, ao se propor a estudar a psique, se depara com assuntos encobertos e desconhecidos pelo próprio analisando, que não tem notícias do alcance de suas palavras. Sabemos que o sujeito, em contínuas relações sociais, nunca está só ou falando apenas de si.

Conforme nos diz a psicanalista Tatiana Inglez-Mazzarella:

Na constituição do sujeito, temos pelo menos sete envolvidos: avós maternos e paternos, pai e mãe e a própria pessoa. É na complexidade das inter-relações dos ditos e não ditos, dos segredos, das demandas, que temos os fios da trama. Ao conduzir uma análise de criança, o analista conta com pelo menos a segunda geração presente em carne e osso, e, às vezes, até a terceira. Ao conduzir análises de adultos, tem a presença dessas figuras no discurso e no próprio sujeito, por meio daquilo que herda das gerações anteriores¹.

A transmissão psíquica estuda a constituição do sujeito a partir das suas relações com os outros do grupo, seja pela presença ou pela ausência, destacando a importância da história e da pré-história de cada pessoa em busca do seu processo de singularização:

Compreender o ser humano como a singularização da vida de muitos implica dizer que cada ser humano é a singularização da vida de seus ancestrais e é o pressentimento daqueles que virão².

Conforme o psicólogo e psicanalista Luís Claudio Figueiredo, uma pessoa é formada por muitas outras pessoas e histórias e, já ao nascer, recebe uma bagagem estranha a si:

Qual a complexidade e a extensão do 'passado' que marca – para o bem e para o mal – cada 'presente' ao longo de uma existência? De quantas pessoas se faz uma pessoa? Quantas experiências de vida – algumas relatadas, outras inenarráveis, umas próprias, outras alheias e remotas – compõem uma subjetividade? Quantas histórias bem

¹ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: A transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 41.

² SAFRA, Gilberto. **A po-ética na clínica contemporânea**. Aparecida: Ideias e Letras, 2004, p. 43.

contadas e quantas histórias mal contadas contribuem para uma *história de vida*? Quantas vozes e quantos silêncios calam no fundo de cada um de nós?³

À essas indagações, o autor responde:

Desde Freud a psicanálise não se cansou de nos estarrecer com a profusão de respostas a cada uma das questões acima: imensa, muitas, muitas, muitas. São inumeráveis os elos que se criam e se tecem para vir a desaguar, ora em uma capacidade, ora em um talento, ora em um sintoma, ora em um adoecimento, ora em um impasse⁴.

Diante dessa perspectiva da importância do outro em nossas vidas, bem como da perpetuação de histórias não vividas por nós, se faz relevante o estudo sobre as formas de transmissões, bem como a compreensão de suas introjeções pelo sujeito, com as suas conseqüentes manifestações.

Ainda de acordo com Luís Claudio Figueiredo:

As transmissões psíquicas geracionais, inter e transgeracionais nos sugerem, de fato, que cada vida humana se enraíza e se projeta para muito mais longe do que costumamos presumir, para os lados, para trás e para adiante na direção de outros e de outros de outros⁵.

Na vida em sociedade nota-se uma urgência em transmitir, em garantir a continuidade de geração em geração, em que o sujeito sempre se coloque no mundo a partir de uma herança em relação ao grupo que pertence, sendo o modelo geracional considerado uma das dimensões da vida psíquica⁶. Assim, de acordo com o psicanalista francês René Kaës, o ponto de partida da constituição do Eu é sempre o outro, já que o homem é um ser social:

O que é inelutável é que somos postos no mundo por mais de um outro, por mais de um sexo, e que nossa pré-história faz de cada um de nós, bem antes de nascermos, o sujeito de um conjunto intersubjetivo, cujos sujeitos nos têm e nos mantêm como servidores e herdeiros de seus 'sonhos de desejo insatisfeitos', de seus recalcamientos e de suas renúncias, na malha de seus discursos, de suas fantasias, de suas histórias⁷.

³ FIGUEIREDO, Luis Claudio. Prefácio. In: INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações**, 2004, p. 13.

⁴ *Ibidem*.

⁵ *Ibidem*.

⁶ CORREA, Olga. **Grupo familiar e psicanálise: ressonâncias clínicas**. São Paulo: Vetor Editora, 2007, p. 14.

⁷ KAËS, René. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 13.

A transmissão da vida psíquica é objeto de estudo da psicanálise desde Freud, apesar de ser percebida desde a Antiguidade⁸, sendo um importante material para a clínica psicanalítica e para a compreensão do indivíduo. O tema aparece em estudos sobre a continuidade, a sucessão e a articulação da vida psíquica entre sujeitos de um mesmo grupo, ainda que em tempos e espaços diferentes, conforme:

Cada aparelho psíquico é constituído por lugares e processos que introjetam formações psíquicas e processos de 'mais de um outro'. O sujeito recebe em herança, ou depósito, uma rede de traços, marcas, vestígios, signos e significantes que ele enquista, ou interpreta, e transforma e que logo transmite por meio de diversas modalidades na travessia geracional⁹.

Para iniciarmos um estudo sobre o tema da transmissão, é necessário compreendermos como o grupo familiar se constitui e qual a sua função, que garante a perpetuação de sua história durante tantas gerações.

Ao nascer, o sujeito é inscrito em uma cadeia, participando da sua família como um elo - composta pelos demais participantes do grupo familiar, que compartilham suas origens, histórias e segredos.

O indivíduo recém-chegado é herdeiro de toda bagagem da família e se sente pertencente ao seu grupo ao partilhar dessa história e desse aparelho psíquico grupal, em que há a reunião das formações da psique de cada um da família, originando um espaço psíquico comum àquele grupo. Como veremos, isso não acontece sem que ele herde também um grau de sofrimento, já que, ao ser herdeiro para se encaixar no grupo, renuncia a uma parte de si.

René Kaës, estudioso do tema da transmissão, propôs, em 1971, no Centro de Estudos Franceses para a Formação e a Pesquisa, o conceito por ele desenvolvido de aparelho psíquico grupal:

Há grupo, e não um simples amontoado de indivíduos quando, a partir de seu aparelho psíquico individual, há a tendência de constituir um aparelho psíquico grupal mais ou menos autônomo¹⁰.

⁸ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 17.

⁹ CORREA, Olga. **Grupo familiar e psicanálise**: ressonâncias clínicas. São Paulo: Vetor Editora, 2007, p. 11-12.

¹⁰ ANZIEU, Didier., Prefácio. In: KAËS, René. **O aparelho psíquico grupal**. São Paulo: Ideias e Letras, 2017, p. 21.

Para o desenvolvimento de sua teoria, o psicanalista francês compreendeu que há um importante comportamento de grupo na vida em sociedade, em que pessoas formam conjuntos, partilhando valores, ideias, fantasias e desejos:

A construção do grupo como objeto se efetua através de dois sistemas de representação: um sistema psíquico, no qual o grupo funciona como o representante-representação da pulsão, e um sistema sociocultural, no qual o grupo é figurado como modelo de relação e de expressão¹¹.

Cada um desses subsistemas citados possui organizadores específicos: enquanto os psíquicos se referem às formações do inconsciente, os organizadores socioculturais são resultados da vida em sociedade, como a elaboração de códigos e mitos.

Ainda de acordo com o psicanalista:

Cabe, antes de tudo, admitir que todo grupo social é o resultado de um trabalho de construção e a própria construção de uma organização relacional (sociabilidade) e expressiva (cultura) com a qual se obtêm a satisfação de necessidades e a realização de desejos específicos; que sejam garantidas diferenciações funcionais correspondentes às necessidades de sobrevivência individual e coletiva (manutenção da constância e da integridade do grupo); que seja levada em consideração a realidade interna e externa por transformação interna e/ou modificação do ambiente; que se atribuam a cada um lugar e uma função, e se produzam os instrumentos necessários para alcançar esses objetivos¹².

Assim, em um grupo os indivíduos partilham desejos, realizando um processo de transformação, depositando energia para a construção e manutenção do grupo, em que cada sujeito possui funções e posições específicas. O grupo familiar possui esse mesmo funcionamento.

A partir da chegada de um novo ser na família, o bebê - totalmente dependente de cuidados, exige proteção de seus pais para que possa sobreviver. Em contrapartida, os pais reivindicam que a criança seja inserida em seu grupo familiar, compartilhando da identidade familiar e perpetuando as suas origens:

O tecido vincular do grupo familiar é permeado pelas alianças e pactos inconscientes envolvendo a intersubjetividade, assim como pelo contrato narcisista assinalado. Trata-se de um acordo inconsciente que assegura a continuidade do investimento libidinal de autoconservação para cada sujeito e o conjunto (familiar-social) do qual forma parte. A criança desde sua vinda ao mundo, é requerida para compartilhar os

¹¹ KAËS, René. **O aparelho psíquico grupal**. São Paulo: Ideias e Letras, 2017, p. 53.

¹² *Idem*, p. 262.

enunciados dos ancestrais, assegurando a continuidade geracional e a identidade familiar, às vezes, ao custo de sua integridade psíquica e até mesmo somática, já que estes enunciados poderão contradizer suas próprias percepções internas e externas¹³.

Como veremos adiante, os estudos da transmissão da vida psíquica foram abordados por Freud em diversos textos de sua obra, bem como por outros psicanalistas contemporâneos.

Entendemos que estudar a transmissão é perguntar a origem de tudo aquilo que sentimos e não vivenciamos, de todo material que nos parece estranho e alheio a nós mesmos e que, apesar de não reconhecermos de onde vem, o carregamos conosco e nos apropriamos – ainda que apenas de forma inconsciente.

II.I O Estudo da Transmissão Psíquica em Freud

O assunto da continuidade da vida psíquica entre as gerações já estava presente nas obras de Freud, que salientou a necessidade do sujeito em ter um outro que o introduza nas relações sociais, considerados vínculos indispensáveis ao ser humano. O psicanalista, ao longo de sua obra, também observou os processos coletivos e comportamentos de multidão, reconhecendo neles a presença de uma importante transformação libidinal, em que atuam os processos de identificação e introjeção na formação do indivíduo.

Neste capítulo, pretendemos apresentar alguns momentos em que Freud explana e referencia o tema da transmissão psíquica, discorridos em ordem cronológica, para melhor organização da exposição.

Em *Totem e Tabu* (1912-1913/2012), Freud apresenta de forma ampla pela primeira vez questões relativas à cultura e àquilo que a anima (a moral, a religião, as artes), articulando-as à sua metapsicologia. As noções de Eu, Isso e Supereu já estão de certa forma presentes nesse texto, apesar de ainda não estarem assim nomeadas. A temática da proibição, da culpa e da moral permeiam a obra, utilizando a descrição da horda primeva, emprestada de Darwin¹⁴, para desenvolver o mito fundador da cultura, ou seja, aquilo que separa o funcionamento natural do propriamente humano e cultural.

¹³ CORREA, OLGA. Transmissão psíquica entre as gerações. **Psicologia USP**, v. 14, n. 3, p. 35-45, 2003.

¹⁴ DARWIN, Charles. **A origem do homem e a seleção sexual**. São Paulo: Editora Garnier, 2019.

Conforme a obra, a horda primeva era governada por um homem despótico e todo-poderoso, que possuía todas as mulheres e expulsava os filhos enquanto cresciam:

Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva (...). Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. A refeição totêmica, talvez a primeira festa da humanidade, seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, com o qual teve início tanta coisa: as organizações sociais, as restrições morais, a religião¹⁵.

O agrupamento dos irmãos identificados entre si pela impotência e pelo ódio ao pai tirano mostra a ambivalência frente a ele: o mataram pelo ódio, mas o devoraram e o incorporaram pelo amor. Assim, se identificaram com o pai e o introjetaram, possibilitando o surgimento da moralidade e da culpa.

A noção da transmissão, importante para este trabalho, aparece no texto ao tratar da origem do sentimento de culpa – instrumento utilizado pela sociedade para o respeito às regras, bem como da transmissão do tabu, surgindo a hipótese da transmissão filogenética manifestando-se no desenvolvimento ontogenético. A partir de então, Freud apontou que somos todos herdeiros do crime contra o pai: o pai morto se transforma em totem, enquanto o sentimento de culpa é transmitido para as próximas gerações.

Em *Introdução ao Narcisismo* (1914/2010), o autor reconheceu que o Eu não existe logo no início da vida, mas que precisa desenvolver-se, surgindo, portanto, de modo gradativo. A psicanálise entende que o Eu se constitui a partir das primeiras identificações, que geralmente acontecem como consequência da interação com o objeto a partir do primeiro vínculo com a pessoa que o cuida (normalmente, a mãe) – portanto, tem início a partir do investimento do outro, conforme o psicanalista André Missenard:

A (sua) imagem que a criança encontra é investida por sua mãe e designada por ela (tanto pela mão como pela voz); dá então acesso a uma representação do Eu da criança, vivida por esta na 'assunção jubilatória' de uma experiência fundadora de uma estrutura. Ela é então adquirida e, eventualmente, reproduzível. E quando surge essa imagem

¹⁵ FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: **Obras completas. Vol. 11**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 216-217.

estruturante, são superados os fantasmas de corpo fragmentado que até então dominavam a psique do infans¹⁶.

O processo da 'nova ação psíquica' do narcisismo acontece em dois momentos: (i) o narcisismo primário, que prevalece no início da vida, em que o bebê se percebe como uma continuidade da mãe, que o alimenta e o ampara. Nesse estágio, o bebê vivencia uma sensação de completude e de ambiente acolhedor, ele experiencia ser tudo para a mãe-ambiente que o cuida, e tem nela tudo aquilo que precisa; e (ii) o narcisismo secundário, inaugurado a partir do rompimento do primeiro vínculo entre mãe-bebê, em que a criança que tem o seu ego desenvolvido é capaz de se diferenciar frente ao outro, reinvestindo o eu, descobrindo os seus próprios desejos e angústias.

Assim, para que o desenvolvimento do Ego seja possível, entende-se que é necessário que haja a aproximação vivencial entre dois egos, em que um introjeta e se identifica com o outro, possibilitando o processo identificatório e a perpetuação da vida em sociedade.

Freud observa que o recém-nascido, ao chegar, ocupa a posição de "Sua Majestade, o Bebê", sendo o herdeiro dos sonhos e desejos não realizados de seus pais - posição esta que garante a transmissão psíquica. Como já apontado, à criança já está reservada uma posição na cadeia familiar, na qual é inserida mesmo sem a sua vontade expressa: se torna parte do grupo sem ser perguntada.

A transmissão psíquica acontece, assim, por meio da via narcísica, em que os pais transferem ao bebê seu narcisismo infantil abandonado, exigindo que realize, em nome deles, os seus desejos, garantindo assim a imortalidade do Eu:

Quando vemos a atitude terna de muitos pais para com seus filhos, temos de reconhecê-la como revivescência e reprodução do seu próprio narcisismo há muito abandonado (...). Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições - que um observador neutro nelas não encontraria - e a ocultar e esquecer todos os defeitos¹⁷.

É também através da imagem idealizada dos pais projetada no filho que se possibilita a criação do "eu ideal", que se concretiza como "ideal de eu", que formado a partir do primeiro também carrega a expectativa narcísica dos pais de continuarem

¹⁶ MISSENARD, André. Um narcisismo como herança. In: NICOLLE, Oliver; KAËS, René. **A instituição como herança**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011, p. 106.

¹⁷ Freud, Sigmund. Introdução ao Narcisismo. In: **Obras completas. Vol. 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 36.

imortais na vivência pessoal dos filhos, por meio de seus valores, palavras e orientações.

Durante o processo de subjetivação, é importante que o sujeito se aproprie dos seus próprios desejos e que assuma o seu lugar da forma que melhor lhe convir, em uma tentativa de separar o seu Eu do aparelho psíquico grupal, garantindo a sua individualidade.

Em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1920/2011), Freud também reconhece a continuidade da vida psíquica, percebendo a impossibilidade da oposição entre a psicologia individual e a psicologia social, à medida que não é possível compreender o homem como um ser isolado, estando sempre em relação com o outro e sofrendo influências dos grupos:

Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado¹⁸.

Em seus estudos, percebeu que o indivíduo na massa sofre uma grande influência psíquica, iniciando-se um processo de afetividade intensificada e uma diminuição da capacidade intelectual: é necessário que haja uma renúncia às inibições pulsionais para que seja possível o processo de homogeneização.

Nesse cenário, o Ideal de Eu individual se mistura com o de um objeto comum, a partir de identificações imaginárias compartilhadas, que garantem o sentimento de pertença a todos os envolvidos na massa.

Assim, podemos compreender que o processo de transmissão entre as gerações sustenta valores, crenças e saberes que garantem a continuidade grupal e cultural – instrumento necessário para a manutenção das sociedades, perpetuando aquilo que mantém o grupo unido.

Seguindo os textos de Freud, em *O Eu e o Id* (1923/2011), o psicanalista propõe a origem do superego a partir das identificações parentais, que são necessárias ao desenvolvimento do indivíduo e do grupo. Nesse sentido, a instalação do superego é a materialidade da identificação bem-sucedida com a instância parental, que tem uma herança arcaica transmitida pelas gerações anteriores ao indivíduo:

¹⁸ FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do Eu*. In: **Obras Completas. Vol. 15**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 14.

O que a biologia e as vicissitudes da espécie humana criaram e deixaram no Id é assumido pelo Eu, através da formação do ideal, e reverenciado nele individualmente. Graças à história de sua formação, o ideal do Eu tem amplos laços com a aquisição filogenética, a herança arcaica do indivíduo. O que fez parte do que é mais profundo na vida psíquica de cada um se torna, através da formação do ideal, no que é mais elevado na alma humana, conforme nossa escala de valores¹⁹.

Logo em seguida, em *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924/2010), Freud se dedicou a demonstrar a importância do Complexo de Édipo como fenômeno central na sexualidade infantil e seu conseqüente encerramento.

A ameaça de castração permitiu que Freud elaborasse a premissa da universalidade do falo, em que os meninos e as meninas estabelecem uma angustiante fantasia envolvendo a retirada do falo. A partir de então, há no menino o estabelecimento do conflito: o interesse narcísico pelo próprio pênis *versus* a satisfação do desejo edípico – em que, normalmente, é resolvido pela escolha da preservação do órgão. Há, então, o abandono das catexias de objeto e as suas conseqüentes substituições pelos processos de identificação, ocorrendo a introjeção da autoridade dos pais sob a forma de instância superegóica.

O superego da criança, como já visto, é uma repetição da estrutura psíquica de seus pais, que foram replicados de seus ancestrais, sendo compreendido como uma importante ferramenta de herança familiar, que transmite a moral, a culpa e o grau de rigidez do superego de geração em geração.

Finalmente, damos um salto e o encontramos em *Moisés e o Monoteísmo* (1939/2018), onde Freud retoma o conceito da herança arcaica para demonstrar a transmissão por outras vias para além da comunicação:

Refletindo mais um pouco, devemos confessar a nós mesmos que há muito agimos como se não houvesse dúvida quanto à hereditariedade dos traços mnêmicos das vivências dos ancestrais, independentemente da comunicação direta e da influência da educação pelo exemplo. Quando falamos da sobrevivência de uma tradição antiga num povo, da formação do caráter de um povo, tínhamos em mente, na maioria das vezes, essa tradição herdada, não uma transmitida por comunicação²⁰.

Para Freud, a origem e o destino do povo judeu podem ser compreendidos a partir da perpetuação de um evento traumático por várias gerações, em que os

¹⁹ FREUD, Sigmund. O Eu e o Id. In: **Obras Completas. Vol. 16.** São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 326.

²⁰ FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo. In: **Obras Completas. Vol. 19.** São Paulo, Companhia das Letras, 2018, p. 140.

resíduos mnêmicos dos traumas primitivos são inconscientes aos descendentes, ou seja, àqueles que não sofreram diretamente os traumas do povo, mas isso não os impede de gerar efeitos nos indivíduos do grupo:

Acreditamos que podemos acompanhar bem seu destino subsequente, na medida em que se trate de algo vivenciado pela própria pessoa. Surge uma nova complicação, porém, ao nos darmos conta da probabilidade de que na vida psíquica do indivíduo podem estar ativos não apenas conteúdos vivenciados por ele próprio, mas também inatos, elementos de origem filogenética, *herança arcaica*²¹.

Assim, a partir dos textos aqui apresentados, entendemos a importância e a relevância do tema da transmissão psíquica para a teoria psicanalítica freudiana, sendo objeto de estudos contemporâneos por meio de outros autores que trabalharemos em seguida. No entanto, percebemos que desde Freud a compreensão do assunto é uma importante ferramenta para a ampliação da escuta do paciente e do seu sofrimento psíquico.

No próximo capítulo, mostraremos o potencial de sofrimento que a transmissão psíquica pode causar ao sujeito, através da conceituação das modalidades intergeracional e transgeracional - sendo discutidas a importância do não-dito e do mecanismo de repetição para a sua manutenção.

²¹ FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo. In: **Obras Completas. Vol. 19.** São Paulo, Companhia das Letras, 2018, p. 137. Grifos nossos.

III. MODALIDADES DE TRANSMISSÃO PSÍQUICA

Para a constituição do sujeito, é necessário que haja uma troca singular entre o bebê e seus pais. Em um primeiro momento, a criança se vê e se percebe através do olhar de sua mãe, se reconhecendo como uma continuidade do seu corpo e da sua psique. É nessa fase que acontece a identificação primária, em que não há diferenças entre o Eu e o outro.

Durante este processo de identificação primária, é possível perceber a ocorrência do processo de transmissão geracional. Isso porque a criança, ao se identificar com os seus pais, se identifica também com as histórias anteriores a ela e à sua existência. Em contrapartida, os seus pais também investem libidinalmente na criança a partir de suas imagens narcísicas, projetando nela os seus desejos e frustrações.

Aos poucos, a criança cria uma imagem unificada do seu próprio corpo, se reconhecendo como uma. Assim, o bebê se constitui a partir de uma relação fusional com a mãe, buscando identificar-se com o que supõe ser o objeto de desejo materno²².

É a partir da figura do terceiro – normalmente, o pai - que a criança rompe com essa imagem refletida na mãe e tem a chance de ser uma. Nesse caso, há a introdução à triangulação, em que há a necessária presença de um terceiro (o pai, a lei, ou a entrada na cultura).

Podemos considerar, então, que é a partir dos processos identificatórios que a criança pode se descobrir e se tornar única, com seus próprios desejos e angústias. No entanto, durante esse mesmo processo de identificação, há também um processo de alienação e aprisionamento, em que a repetição desempenha importante papel:

Por intermédio do filho, algo dos pais, dos avós, da linhagem pode se atualizar, uma repetição que traz simultaneamente satisfação e sofrimento, familiaridade e estranheza, passado e presente²³.

Dessa forma, a problemática da transmissão psíquica é um elemento central ao pensarmos o grupo familiar – que é organizado por laços, formados a partir das

²² INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 35.

²³ *Idem*, p. 36.

alianças, pactos e contratos inconscientes, envolvendo a inscrição do sujeito em uma cadeia geracional na qual participa apenas como elo:

O projeto do grupo familiar é transmitir a herança psíquica adquirida e fundadora de cada um e do conjunto, e perpetuar-se, dando a vida para além dos mortos, conservando sempre a sua identidade, sua “alma”, isso graças e por meio das gerações e das alianças²⁴.

O sujeito, por necessidade de filiar-se a qualquer grupo, se submete a tudo aquilo que lhe é transmitido, tornando-se herdeiro e assegurando a continuidade do grupo. Em troca, é acolhido e se beneficia do investimento narcísico de seus pais. Para tanto, o bebê deve ocupar a posição que lhe foi designada e deve respeitar a organização do grupo:

Cada elemento de um organizador psíquico grupal afeta, assim, posições ou colocações a assumir no grupo intersubjetivo. Essas posições ou colocações são requeridas pela construção do aparelho psíquico grupal, construção que resulta de um compromisso eficaz entre duas necessidades: de um lado, as exigências de realização de desejos individuais no grupo, do outro, exigências do agrupamento no sentido de transformar algumas formações psíquicas de seus membros, de modo a ordená-la para seus próprios fins²⁵.

O indivíduo, ao se deparar com as exigências do grupo, experencia um conflito em busca de seus próprios desejos, precisando, por vezes, abdicar de sua própria singularidade para se manter parte do todo. Para que o aparelho psíquico grupal seja possível, devem ser firmados acordos com as realidades intrapsíquicas de seus sujeitos, em que estão colocadas as exigências para que se mantenham os vínculos grupais.

Assim, a transmissão psíquica geracional acontece através de processos psíquicos inconscientes, superando os campos do intrassubjetivo e do intersubjetivo – restritos ao indivíduo – ocupando a dimensão do transubjetivo: para além do sujeito, ocorrendo por mecanismos de identificação e investimento libidinal de representações:

A articulação da história pessoal de cada um com a história do grupo se processa através de um duplo processo: de um lado, a participação de cada um na construção projetiva do aparelho psíquico grupal, e do

²⁴ CORREA, Olga. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p.18.

²⁵ KAËS, René. **O aparelho psíquico grupal**. São Paulo: Ideias e Letras, 2017, p. 266.

outro, a transformação dessa experiência pelas introjeções consecutivas a essa participação²⁶.

Ao observarmos a instituição família, identificamos uma série de defesas necessárias para a sua manutenção e proteção. Para tanto, é importante que cada membro da família ocupe a sua posição designada e que mantenham o grupo unido. Conforme o psiquiatra britânico Ronald David Laing:

A identidade de cada pessoa se apoia então em uma 'família' partilhada que os outros têm em si, atestando assim que são da mesma família. Fazer parte da mesma família é sentir a existência, em si mesmo, da mesma família²⁷.

A família, então, é compreendida como uma segurança, indicando que, caso algum membro deseje romper com o seu grupo, há uma crise imposta: "a destruição da família é pior do que um crime ou mais egoísta do que um suicídio: seria destruir o mundo de nossos pais"²⁸.

Nesse sentido, todos indivíduos do grupo devem se sacrificar para proteger o seu grupo familiar:

A preservação, a transformação ou a dissolução da 'família' não podem ser consideradas um assunto propriamente pessoal, uma vez que a 'família' é concebida como devendo ser protegida por todos os seus membros. A perda de um membro da família pode ser menos perigosa do que o surgimento de um novo membro, se esse novo recruta introduzir uma 'família' na 'família'. Disso resulta que a preservação da 'família' é assimilada à preservação de si e do mundo, e que a dissolução da 'família' no interior de outra é assimilada à morte de si e ao colapso do mundo (...). A sombra da 'família' obscurece a visão do indivíduo. Enquanto não puder ver a 'família' em si mesmo, a pessoa não poderá ver claramente a si mesma nem ver claramente uma família qualquer²⁹.

Assim, para a manutenção da família, diante da chegada do bebê, ele logo é inscrito em uma cadeia grupal, que reserva a ele um espaço a preencher, respeitando as demandas do grupo:

O bebê é, ao mesmo tempo, uma situação nova e uma história antiga. Ele traz suas próprias características para a relação com os pais, mas já encontra nessa relação a repetição de velhos temas, de antigos conflitos e necessidades infantis não resolvidas. Muitas das heranças

²⁶ KAËS, René. **O aparelho psíquico grupal**. São Paulo: Ideias e Letras, 2017, p. 274.

²⁷ LAING, Ronald David. *La politique de la famille*. Paris: Stock, 1972 *apud* KAËS, René. **O aparelho psíquico grupal**, 2017, p. 301.

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ *Idem*, p. 303.

de família são assim transmitidas. O *fantasma* é uma metáfora dos efeitos da transmissão geracional, especialmente dos conflitos vividos pelos pais, na sua infância, com seus próprios pais, conflitos estes que se atualizam – ou não – no contato com o bebê atual³⁰.

Devemos compreender o conceito do fantasma a partir da leitura de Abraham e Torok³¹, sendo representado pelo não-dito, pelo não-revelado, pelo segredo familiar ou por um luto não elaborado, ou seja, por tudo aquilo que nunca foi verbalizado - assuntos que serão melhor abordados ao longo do próximo capítulo. Dessa forma, o traumático perpassa as gerações e se impõe, convocando as gerações seguintes a conviverem com aquilo que não lhes pertence:

O traumatismo, que pode ser um luto, vergonha, violência social etc. sem possibilidade de elaboração psíquica (com clivagem do ego e formação de cripta), constitui uma verdadeira pré-história para as gerações seguintes, pela qual estão compulsoriamente atravessadas. As gerações futuras têm que lidar com uma experiência traumática que não é própria, mas sim dos pais, de quem dependem psicologicamente. Serão possíveis prisioneiros de sua pré-história. Serão as gerações fantasma³².

Assim, é difícil a tarefa de investigar as histórias e traumas que são próprios do sujeito daquelas da sua família:

Conhecemos de perto a resistência que os vínculos imaginários da família e do grupo opõem ao conhecimento da realidade psíquica do outro e dos outros. Esses vínculos visam abolir a distância vital que cada indivíduo tem quanto à diferença de sexo e de gerações. Parece-me ser exatamente para este ponto que se deve dirigir a análise, isto é, para aquilo que entrava o processo de subjetivação e de revelação da psique do grupo familiar; aquilo que dificulta o reconhecimento dessas diferenças³³.

De acordo com a pesquisadora e psicanalista Olga Corrêa, a chegada do bebê na família pode ser um catalisador do processo terapêutico, que leva os pais a procurarem a análise. Pela leitura da autora, isso pode ser explicado pelos conflitos inconscientes dos pais em sua relação ambivalente com o seu bebê. Nesses casos,

³⁰ CORREA, Olga. **Grupo familiar e psicanálise**: ressonâncias clínicas. São Paulo: Vetor Editora, 2007, p. 24.

³¹ ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A casca e o núcleo**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

³² TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 77-89, jun. 2017.

³³ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 58.

o paciente é considerado a relação pais-bebê, em uma tentativa de criarem seus vínculos com o menor grau de sofrimento³⁴.

A criança, ao romper com o seu primeiro vínculo, entra em contato com os seus desejos, suas angústias e se percebe como sujeito próprio, sendo esse um importante processo de desvinculamento:

No grupo familiar, a criança só encontra seu lugar de sujeito rompendo com aquele com o qual se identificou primeiro e que lhe foi atribuído nas fantasias de seus pais. Ela só descobre o sentido de seu desejo no choque com o desejo do outro, e é somente quando pode reconhecer-se em sua filiação que pode tomar seu lugar em um conjunto intersubjetivo³⁵.

Normalmente é na escola que a criança experencia a sua primeira grande separação social, sendo convidada a conhecer para além do seu grupo familiar:

É uma ruptura em muitos aspectos tão problemática quanto o desmame, prefigura e anuncia rupturas e reorganizações dos pós-adolescência. Contudo, as relações grupais que se instalam na idade escolar, e depois nos anos de adolescência, sempre se constroem tendo por referência mais ou menos fecundada o modelo primário, que é o grupo familiar³⁶.

A necessidade da continuidade da vida psíquica, bem como o funcionamento psíquico compartilhado, permitem que ocorra a interdependência mãe-bebê, em que ele é considerado um ser que depende da vida psíquica materna, que empresta a sua realidade psíquica. Como apresentado no trecho acima, a introjeção dos primeiros anos de vida acontece de forma tão bem-sucedida, que a criança utiliza o seu grupo familiar como modelo, mesmo quando já está separada de sua família.

Como veremos, a forma como a transmissão psíquica acontece pode alienar o sujeito de sua história pessoal, dificultando ou impedindo o indivíduo de ser o protagonista de sua própria vida, impossibilitando o contato com os seus próprios desejos. Isso porque, o aparelho psíquico grupal é a construção comum dos membros de um grupo para, justamente, constituir um grupo, que partilham de uma mesma realidade psíquica.

O que é transmitido ao indivíduo é o material disponível à família: as suas histórias, afetos e representações. Também são passados os seus segredos e não-ditos, que produzem consequências importantes diante da forma de acolhimento e

³⁴ CORREA, Olga. **Grupo familiar e psicanálise**: ressonâncias clínicas. São Paulo: Vetor Editora, 2007, p. 25.

³⁵ KAËS, René. **O aparelho psíquico grupal**. São Paulo: Ideias e Letras, 2017, p. 278.

³⁶ *Idem*, p. 64.

apropriação do conteúdo pelo herdeiro receptor. Pensar na transmissão é pensar na repetição.

O novo sujeito é compreendido como um herdeiro e servidor forçado, não lhe sendo perguntado sobre o material a ser transmitido, sobre o lugar a ser ocupado ou a carga a assumir. No entanto, como sujeito, tem o potencial para organizar e transformar as heranças não elaboradas – sendo essa a principal diferença entre as duas modalidades de transmissão: a intergeracional e a transgeracional.

De acordo com o psicanalista Renë Kaés:

A qualidade dessa montagem de psiques (ou desse equipamento psíquico grupal) define a capacidade do grupo de tratar a realidade psíquica que se desenvolve em seu seio, de gerir a angústia dos membros do grupo, de propor saídas para a realização de seus desejos e de suas defesas³⁷.

Estudar o tema da transmissão, dessa forma, é pensar a constituição do sujeito através dos efeitos dos segredos e dos não-ditos, potenciais geradores de sofrimento pelas relações sintomáticas que ecoam pelas gerações, dificultando o sujeito em entrar em contato com a sua própria realidade psíquica e de ser quem realmente é.

Como apontamos e como veremos no capítulo a seguir, há duas formas de transmissão psíquica: a intergeracional e a transgeracional. Na primeira, há a possibilidade de transformação e elaboração do herdado, enquanto na segunda o material é transmitido em seu estado bruto, não sendo possível a sua elaboração:

Como alguém se constitui por meio da história de um Outro sem ser tomado por esta história alheia? A possibilidade de marcar uma diferença passa pelo pertencer a um grupo familiar e, ao mesmo tempo, fazer da herança genealógica algo pensado, transformado e simbolizado, ou seja, algo apropriado. A herança pressupõe o trabalho de fazer próprio, de historicizar. Caso contrário, fica-se alienado na história familiar, na história de um Outro, sem conseguir posicionar-se em relação a ela, o que faz com que se esteja diante de um errante, de algo que vagueia por meio das gerações em busca de inscrição ou simbolização. Errante aqui está sendo utilizado em oposição a herdado; trata-se daquilo que segue vagando sem possibilidade de apropriação, enquanto herdado é aquilo que, por um fazer próprio, permite um posicionar-se em relação à história³⁸.

³⁷ KAËS, Renë. **O aparelho psíquico grupal**. São Paulo: Ideias e Letras, 2017, p. 267.

³⁸ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 40.

III.I A Transmissão Psíquica Intergeracional

A Transmissão Psíquica Intergeracional é aquela em que a passagem de uma geração para a outra acontece com a transformação do conteúdo, conforme a psicanalista francesa Evelyn Granjon:

Trata-se de um trabalho psíquico que diz respeito ao sujeito singular e ao grupo. Os processos da transmissão implicam ligações com e entre diferentes níveis intrapsíquicos e intersubjetivos intermediados pelo grupo, pelos agenciamentos e pelas aparelhagens das formações psíquicas mobilizadas, favorecendo transformações e conduzindo a uma diferenciação, uma evolução entre o que é transmitido e o que é herdado e depois adquirido³⁹.

Nesses casos, permite-se:

a cada geração situar-se em relação às outras, inscreve cada sujeito em uma cadeia e um grupo, ou grupos, funda sua própria subjetividade, constituindo sua história e tornando-o proprietário de sua herança⁴⁰.

A autora conclui: “A transmissão intergeracional é um trabalho de *ligações* e de *transformações*”⁴¹.

Nessa modalidade de transmissão, há uma distância entre o transmissor e o receptor, que tem uma chance de modificar e transformar o que herdou, podendo se apropriar do que lhe foi transmitido. Assim, na transmissão intergeracional o conteúdo é apropriado, elaborado e modificado pelas gerações conforme o tempo e a capacidade de simbolizar a história regressa:

Na intergeracionalidade há *modificação* daquilo que foi transmitido de uma geração à outra, pois *transformações* e *ligações* podem ser realizadas pela descendência. Assim, uma geração fica situada em relação às precedentes, e os integrantes dela, inscritos numa genealogia, podem fazer da herança *algo próprio*⁴².

No entanto, como veremos adiante, esse trabalho de elaboração e transformação pode falhar e a transmissão pode ser alienante.

³⁹ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 24.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*. Grifos nossos.

⁴² INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 81-82. Grifos nossos.

III.II A Transmissão Psíquica Transgeracional

Conforme já visto, o grupo familiar divide um espaço psíquico comum, formado a partir das identificações entre os elos do grupo, sendo essa a base da transmissão psíquica geracional. Esse espaço é:

Atravessado por diversos pactos, contratos e alianças inconscientes, que são produtos e conteúdos do recalcado. A partir desses elementos os sujeitos se ligam uns aos outros e ao conjunto grupal por motivos e interesses sobre determinados, que devem ser rejeitados ou apagados para que o vínculo se sustente⁴³.

A Transmissão Psíquica Transgeracional é aquela em que, diferentemente da Intergeracional, não há distância ou transformação: o conteúdo passa pelas gerações e se impõe em estado bruto aos herdeiros. Nessa modalidade, o que é transmitido não permite a integração psíquica do sujeito, que é depositário de todo o conteúdo não elaborado pelas gerações antepassadas:

Na transmissão psíquica transgeracional não há contato direto na transmissão. Essa ocorre através das gerações no sentido descendente, ou seja, as gerações passadas transmitem às gerações presentes. Trata-se de um material *não transformado e não simbolizado*, geralmente referido a segredos, não ditos, interditos e ao indizível⁴⁴.

O que é transmitido é “o traço daquilo que se passou, e não pôde ser pensado, com seu cortejo de terror, vergonha e interditos”⁴⁵. É uma forma violenta de transmissão, já que é imposta ao sujeito que não consegue acessar a sua própria história.

O herdeiro recebe essa bagagem que lhe parece estranha, como se não pertencesse àquela história, que “parece ter saído de um outro lugar e um outro tempo”⁴⁶. Isso acontece porque o que lhe foi passado não foi elaborado pelo grupo familiar, não sendo possível nomear ou até mesmo representar:

A transmissão de eventos traumáticos, ao afetar um conjunto, introduz imperativamente uma interrupção nas modalidades de intercâmbio e

⁴³ CORREA, Olga. **Grupo familiar e psicanálise**: ressonâncias clínicas. São Paulo: Vetor Editora, 2007, p. 53.

⁴⁴ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 82. Grifos nossos.

⁴⁵ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 24.

⁴⁶ *Idem*, p. 18.

propõe modalidades subjetivas que cobram significado apenas em função de tal evento. Criam-se novos conjuntos baseados na memória e esquecimento do evento que exigem novas práticas e se impõe um fazer em função de algo que tem a ver com o imprevisto ou incapaz de gerar formas vinculantes adequadas a certos momentos vitais. O conjunto ou grupo familiar subitamente se congela em torno de tal evento ou sofre uma desorganização. O evento se inscreve como memória traumática com tendência a se fixar. A questão da memória, posta no contexto do vincular, conserva a função de registrar, reter e reproduzir feitos e acontecimentos passados tanto próprios ao sujeito como estranhos a ele e à sua história singular⁴⁷.

A memória traumática, conforme a psiquiatra e psicanalista Janine Puget, é a fixação na experiência que se repete pelas gerações, impedindo o trabalho de elaboração e produção de novas significações. As marcas da memória traumática remetem a um não-dito, já que a linguagem não é capaz de simbolizar e, assim, torna-se um pacto entre os membros do grupo familiar, que não ousam tentar expressar o traumático, reverberando nas próximas gerações pela via da repetição.

Desta forma, o que se transmite é um não-dito, não trabalhado, não elaborado, uma lacuna onde deveria haver uma história. Para o estudo do tema, é importante destacar a relevância do negativo na formação da transmissão transgeracional, reconhecendo que uma pessoa é constituída tanto pela positividade quanto pela negatividade, que aparece como o não representado ou constituído e pelo não-dito, seja pelo proibido, seja pelo indizível.

O recém-chegado no grupo familiar recebe essa transmissão psíquica negativa - pela ausência - e é encarregado de mantê-la viva, sem a possibilidade de transformá-la:

Trata-se de um acordo inconsciente imposto e concluído mutuamente para que o vínculo se organize e continue na complementaridade de interesses que envolvem investimentos e benefícios ligados aos ideais do contrato narcisista (...), que assegura a continuidade do investimento libidinal de autoconservação para cada sujeito e o conjunto do qual faz parte (grupo família-sociedade)⁴⁸.

Essa modalidade de transmissão revela a capacidade inata do recém-nascido de receber as mensagens a ele transmitidas. A criança não se permite revelar esses

⁴⁷ PUGET, JANINE. Disso não se fala... Transmissão e memória. IN: CORREA, Olga. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 76.

⁴⁸ CORREA, Olga. **Grupo familiar e psicanálise: ressonâncias clínicas**. São Paulo: Vetor Editora, 2007, p. 53-54.

negativos, nem tampouco a perguntar sobre os segredos e não se arrisca a representar o material, ameaçada pela perda do amor de seus genitores:

Abandonar uma modalidade de transmissão requer um trabalho psíquico doloroso já que implica uma perda momentânea dos referentes que possibilitam a pertença. Acarreta um sentimento de exclusão tão temido e sempre possível de ser ativado⁴⁹.

Para garantir que os segredos e os não-ditos permaneçam nesses estados, o grupo familiar firma um pacto entre os seus membros:

Propus, então, o conceito de pacto denegativo. Por este conceito, entendo aquilo que se impõe em todo laço intersubjetivo para ser oferecido, em cada sujeito, do laço com os destinos do recalçamento ou da denegação, da recusa, da rejeição ou do enquistamento no espaço interno de um sujeito ou de vários sujeitos. Esse acordo inconsciente sobre o inconsciente é imposto ou concluído com vários objetivos: para que o laço se organize e se mantenha em sua complementariedade de interesse; para que seja assegurada a continuidade dos investimentos e dos benefícios ligados à subsistência da função dos Ideais, do contrato ou pacto narcísico. O que está em jogo no laço, inclusive o custo psíquico que se convém pagar para que o laço se mantenha, é justamente isso que não poderia estar em questão entre aqueles que ele liga⁵⁰.

Assim, é elaborado um contrato inconsciente entre o grupo para que ninguém seja confrontado ao trabalho de elaboração e representação do ausente. Para isso, são construídos, pelas famílias, os “continentes de negativo”⁵¹, que são camadas que mantêm os segredos, pactos, contratos e não-ditos fechados e isolados, favorecendo a sua transmissão.

Como vimos, a forma como a transmissão psíquica acontece desempenha um importante papel na vida do sujeito, que se depara com bagagens que não lhe pertencem, sendo potencializadoras de causarem sofrimento e sintomas psíquicos:

⁴⁹ PUGET, JANINE. Disso não se fala... Transmissão e memória. IN: CORREA, Olga. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 86.

⁵⁰ KAËS, René. Um pacto de resistência intergeracional ao luto. Transmissão psíquica dos efeitos da morte de uma criança sobre os irmãos e irmãs e sobre sua descendência. IN: CORREA, Olga. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 45.

⁵¹ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 24.

A falta de elaboração do traumatismo poderá atravessar diversas gerações, possibilitando a repetição inconsciente, pela incapacidade de metabolizar e simbolizar a experiência⁵².

A psicanalista Olga Ruiz Correa entende que há três grupos de sintomas do sofrimento psíquico que podem estar vinculados a patologias da transmissão psíquica geracional, sendo eles: (i) defeitos ou falhas na estruturação dos sustentos ou apoios da vida pulsional, em que o sujeito desenvolve formações psíquicas clivadas; (ii) formação das identificações e contratos intersubjetivos que são garantes de um espaço do desenvolvimento da subjetividade, como o contrato narcisista e o pacto denegativo; e (iii) problemáticas dos processos de representações, da construção de sentido, em que o trabalho de simbolização é atingido⁵³.

Importante ressaltar que, conforme a psicanalista Evelyn Granjon, as perturbações decorrentes dessa modalidade de transmissão não são pelo conteúdo negativo da mensagem, mas pela impossibilidade de elaboração pela família⁵⁴.

Para que sejam superados os efeitos da transmissão transgeracional é necessário que os segredos extravasem e sejam conhecidos, para que possam ser elaborados e inscritos no espaço do representável – trabalho que pode se dar, geralmente, em situações de drástica alteração no grupo familiar, como uma morte, um abandono ou a chegada de um novo elo.

III.II.I O Não-Dito

A chegada de um bebê na família é algo muito esperado pelo grupo e que necessita de uma reorganização familiar. Para além das trocas de papéis, emergem nesse momento todos os conteúdos transmitidos, como os não-ditos e os traumas, não sendo uma tarefa fácil para os novos pais.

A psicanalista Tatiana Inglez-Mazzarella reconhece a importância da fala nesse momento: “A abertura para o campo da inscrição, da representação e da simbolização depende da palavra”⁵⁵. Para a autora, o fenômeno do *baby blue*, ou seja, o estado

⁵² CORREA, Olga. **Grupo familiar e psicanálise**: Ressonâncias Clínicas. São Paulo: Vetor Editora, 2007, p. 54.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 25.

⁵⁵ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 75.

depressivo do pós-parto, pode ocorrer devido a angústia de conteúdos daquela mãe pelo novo sujeito:

A existência da criança num corpo que virá a funcionar de forma autônoma e, se tudo correr bem, cada vez mais em nome próprio, vem reatualizar lutos e separações não simbolizadas da mãe⁵⁶.

O bebê precisa ser conhecido e integrado à trama familiar e esse processo não acontece sem que os pais sejam convocados a olharem para as suas relações, os seus passados, traumas e desejos. Eles se encontram com tudo aquilo que até então tentavam evitar e são intimados a responderem a pergunta: o que é mais traumático, o dito ou o não-dito?

A psicanalista infantil Miriam Rosa Debieux entende que o não-dizer, muitas vezes, é uma saída para os pais que acreditam estarem protegendo os seus filhos, não percebendo que, frequentemente, os estão alienando de suas próprias histórias, em que encontram no imaginário possíveis soluções para lidarem com as suas próprias lacunas:

Os pais temem que dizer as dores e falhas – próprias ou da família – possa levá-los a perder o controle, a autoridade e a direção das normas, ideais e valores que pretendem transmitir, uma vez que o efeito desse dizer sobre o filho não é previsível: o que ele vai pensar ou fazer com o que sabe? Os pais temem não preservar, seja o ideal do ego, seja o ideal narcísico – da criança, de um dos pais, da família, ou mesmo da comunidade. Não-dizer é a solução encontrada para o que supõem que possa destruir o filho e sua relação com eles. Há componentes morais – de culpa, frustração e dívida – não trabalhados nos pais, e que alteram a sua relação discursiva com o filho. Como forma de evitar enfrentar a ferida narcísica e a angústia que tais temas desencadeiam, evitam falar de sua história, na suposição de estarem poupando seus filhos daquilo que temem no que lhes foi transmitido⁵⁷.

E continua:

No entanto, a transmissão opera-se à sua revelia, dado que o não-dito comparece na subjetividade da criança através dos processos de identificação e construção de valores e ideais, no resultado da trajetória edipiana. Ao não dizer, os pais não calculam outros riscos: que a supressão de significantes fundamentais da filiação tem efeitos no andamento da constituição subjetiva, dado que dificulta a inserção simbólica na genealogia; e que a transmissão ocorre apesar do não-

⁵⁶ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro**: a transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 75-76.

⁵⁷ DEBIEUX, Miriam Rosa. **O não dito familiar e a transmissão da história**, 2001. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/307/30700809.pdf>>. Acesso em 08 de janeiro de 2023.

dito, dado que fundamentada não nas palavras, mas no desejo do Outro. Em alguns casos, em especial, a transmissão opera-se não pelo ideal do ego, mas pela via da identificação, e os pais são então tomados como um modelo a ser replicado. Identificação não tanto com o emblema – o que suporia a simbolização – mas com o modelo que, tomado em bloco e não articulado, irrompe como repetição. Repete-se algo do desejo, não elaborado, presente como não-dito no discurso parental⁵⁸.

A criança, ao ter negado o seu direito de conhecer a sua história, teme perder o amor de seus pais e os seus investimentos, tão preciosos à ela. Com medo de arriscar, abdica de sua história e cumpre aquilo esperado: mantém o não-dito como não-dito e o segredo como segredo, irrompendo na via da repetição.

É certo que o segredo sempre está presente nas histórias das famílias, sendo um importante obstáculo à subjetivação⁵⁹. Há duas categorias de transmissão de segredo que atravessam as gerações: o não-dito do proibido de dizer e o do inominável.

Segundo a psicanalista Tatiana Mazzarella, o primeiro, o não-dito por proibição, é aquele em que há uma deliberação, em que há algo a ser ocultado, normalmente associado à vergonha e à culpa. Nesses casos, o recalcado atua como forma de repetição, uma vez que:

Tanto a culpa quanto a vergonha, componentes da vida afetiva e tão presentes na cultura, surgem como afetos centrais, ligados a intenso sofrimento, capazes de comprometer toda uma existência⁶⁰.

Já o não-dito do inominável se trata daquilo que não é dito por faltar palavras, por ser indizível, “o falar não basta”⁶¹. Esse material se repete pela tentativa de representação sem sucesso.

Há de se reconhecer que é difícil a tarefa de indivíduos que presenciaram acontecimentos traumáticos pela violência transformarem suas vivências em palavras, como descreve o psicanalista Pierre Benghozi sobre o indizível por aqueles que passaram pelo holocausto:

⁵⁸ DEBIEUX, Miriam Rosa. **O não dito familiar e a transmissão da história**, 2001. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/307/30700809.pdf>>. Acesso em 08 de janeiro de 2023.

⁵⁹ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações**. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 113.

⁶⁰ CARBONE, Lilian; ENDO, Paulo. Vergonha, trauma e memória. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 8, p. 10, jan-jun. 2019.

⁶¹ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações**. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 114.

Serão necessários cinquenta anos para que certos sobreviventes dos campos de concentração comecem a falar, siderados pela humilhação dessubjetivante e pelo sentimento de que os outros não suportariam, por sua vez, ouvi-los.

Fiquei muito impressionado pelo caráter conflitivo da relação que há entre a geração dos sobreviventes e a de seus filhos, traduzido pelo sofrimento daqueles que nomeamos de 'segunda geração' ou geração pós-Shoah⁶². O diálogo parece ocultar-se nesta geração, para se restabelecer, com a terceira geração, entre avós e netos⁶³.

III.II.II A Repetição

Falar de transmissão é estudar a repetição. É uma tentativa de compreender por que certos segredos, comportamentos e sintomas continuam a se repetir, apesar de serem experiências angustiantes e desagradáveis ao indivíduo, que gera contínuo desprazer. Freud discorreu sobre o tema em seu texto *Além do Princípio do Prazer* (1920/2010), utilizando alguns exemplos para demonstrar a presença da compulsão à repetição no funcionamento do aparelho psíquico, sendo uma exceção à sua teoria da dominância do Princípio do Prazer sobre o aparelho psíquico. Segundo o psicanalista, a compulsão à repetição é uma coação sofrida pelo indivíduo que revive experiências que geraram desprazer no passado e que, quando repetidas, seguem não gerando qualquer tipo de satisfação à ele:

Nenhuma dessas coisas podia proporcionar prazer naquele tempo; seria de crer que hoje produziram menor desprazer se emergissem como lembranças ou em sonhos, em vez de se configurarem como novas experiências. Trata-se, naturalmente, da ação de instintos que deveriam levar à satisfação, mas não trouxe frutos a lição de que também naquela época eles produziram somente desprazer. A ação é repetida, apesar de tudo; uma compulsão impele a isso⁶⁴.

Os psicanalistas Laplanche e Pontalis, em seu dicionário "Vocabulário da Psicanálise" definem o conceito de *compulsão à repetição*:

Processo incoercível e de origem inconsciente, pelo qual o sujeito se coloca ativamente em situações penosas, repetindo experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a

⁶² Holocausto judeu.

⁶³ Pierre Benghozi. Traumatismos precoces da criança e transmissão genealógica em situação de crises e catástrofes humanitárias: desmalhar e reemalhar continentes genealógicos familiares e comunitários. IN: CORREA, Olga. **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 92-93.

⁶⁴ FREUD, Sigmund. Além do Princípio do Prazer. In: **Obras Completas, Vol. 14**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 181.

impressão muito viva de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade⁶⁵.

E reconhecem que o assunto é objeto de estudo da psicanálise, que busca compreender os processos inconscientes responsáveis:

É evidente que a psicanálise se viu confrontada desde a origem com fenômenos de repetição. Se focalizarmos particularmente os sintomas, por um lado alguns deles são manifestamente repetitivos (rituais obsessivos, por exemplo), e, por outro, o que define o sintoma em psicanálise é precisamente o fato de reproduzir, de maneira mais ou menos disfarçada, certos elementos de um conflito passado (...). De um modo geral, o recalcado procura 'retornar' ao presente, sob a forma de sonhos, de sintomas, de atuação⁶⁶.

Como veremos ao longo do presente trabalho, as transmissões transgeracionais são aquelas nas quais não há qualquer elaboração do conteúdo, sendo a história passada entre as gerações sem nenhuma transformação, apesar de seguirem gerando desprazer e angústia para os descendentes:

Mas nossa pré-história nem sempre é passado, e a genealogia, às vezes, mistura os tempos e os espaços, engana-se de geração, repete-se, confunde os sujeitos. E alguns ancestrais, como se sabe, perturbam a vida de seus descendentes. Falar da transmissão é falar do tempo que se esvai⁶⁷.

Os traumas que não são passíveis de serem representados e simbolizados são, então, transmitidos em seus estados brutos às próximas gerações, sendo repetidos. Assim, dificulta-se o processo de integração psíquica dos sujeitos, que abrigam em si o irrepresentável:

Aqui se presencia a transmissão em sua dimensão de negatividade: o transmitido circula por fora do alcance de um trabalho de elaboração. É justamente nesta vertente que a transmissão psíquica geracional interessa (...) aos psicanalistas clínicos. A negatividade da herança faz com que se entra em contato com o 'estado bruto' da transmissão, muito antes deirmos a saber, se é que isso será possível, de seu conteúdo⁶⁸.

⁶⁵ LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 83.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 18.

⁶⁸ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações**. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 83.

A repetição, no presente trabalho, aparece como uma forma negativa da transmissão. Ou seja, ocorre através da ausência de representação:

Não é só a partir do que falha e falta que a transmissão se organiza, mas a partir do que não adveio, o que é ausência de inscrição e de representação, ou do que, no modo de encriptação está em estase sem ser inscrito⁶⁹.

O que não se pode representar é tudo aquilo que:

Não pode ser contido, o que não se retém, o que não se lembra; o que não encontra inscrição na vida psíquica dos pais e/ou das gerações precedentes e que vem depositar-se ou enquistar-se na psique da criança: a falta, a doença, o crime, os objetos desaparecidos sem traço nem memória, pelos quais não se realizou trabalho de luto e, na maioria das vezes, dos quais nem se falou. Assim, o que não se pode pôr em palavras nas situações de excesso, sejam elas pulsionais ou da ordem da realidade, fica aprisionado no retorno da coisa sob a égide da repetição⁷⁰.

A repetição do conteúdo traumático aparece, então, como uma importante ferramenta da modalidade de transmissão transgeracional, sendo um valioso instrumento para manter o segredo e o não-dito velados, para que não emerjam e dêem forma ao oculto.

É difícil a tarefa daquele que tem a coragem de elaborar o conteúdo recebido, muitas vezes se sacrificando em nome do seu grupo familiar, conforme veremos no último capítulo do presente trabalho.

⁶⁹ KAËS, René. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 20.

⁷⁰ INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações**. São Paulo, Editora Escuta, 2006, p. 86-87.

IV. ANÁLISE DO FILME ÁLBUM DE FAMÍLIA SOB A PERSPECTIVA DA TRANSMISSÃO PSÍQUICA TRANSGERACIONAL

O filme *Álbum de Família* (*August – Osage County*) produzido em 2013, sob direção de John Wells e roteiro de Tracy Letts, conta a história de uma dinâmica familiar permeada por segredos e não ditos que emergem a partir de uma tragédia, revelando traumas familiares repetidos por gerações.

Escolhemos este filme para ilustrar os temas abordados no presente trabalho e assim demonstrar a importância de seu estudo, dada a potência de geração de sofrimento a todo o grupo familiar em decorrência da transmissão transgeracional.

A história do filme se passa na pacata cidade de Osage County, no interior de Oklahoma, nos Estados Unidos. Praticamente todas as cenas acontecem em um único ambiente: a casa da família Weston, localizada em uma isolada fazenda. A paisagem é morna, cercada por terra e mais terra bege, dando ao espectador a impressão de que nada acontece ali há muito tempo.

O clima no local é de muito calor, um constante incômodo aos personagens durante todo o filme, sugerindo que nem quem mora ali há tempos está realmente confortável e acostumado com aquela vida. A sensação é que há algo no ar que mantém todos os personagens tensos durante todo o longa-metragem, algo que o telespectador compartilha.

A frase de abertura do filme também revela a presença dessa constante angústia: “*life is very long*”⁷¹ (00min21), dita pelo personagem Beverly Weston (Sam Shepard), que completa: “*Violet, my wife, she takes pills, sometimes great many. Facts are: my wife takes pills and I drink. That is a paragraph of our marriage contract*”⁷² (00min52), indicando que para viver as suas vidas precisam de substâncias que os ajudem a suportá-las: sem elas, a vida é muito sofrida.

Durante o filme acompanhamos vários retornos ao passado das três gerações da família, em que os segredos e os não-ditos do grupo familiar se revelam e emergem, sendo necessário traduzir e encontrar um destino para todo aquele afeto encoberto.

⁷¹ Tradução livre: “a vida é muito longa”.

⁷² Tradução livre: “minha mulher toma pílulas, e eu bebo. Este é o pequeno acordo que fizemos - um pequeno parágrafo no nosso contrato de casamento”.

A seguir serão apresentados os personagens que fazem parte dessa trama familiar, reunidos após um longo período distantes e, em seguida, apresentaremos o desenrolar da história com algumas possíveis leituras sobre a dinâmica familiar apresentada.

IV.I Apresentação dos Personagens

IV.I.I Beverly

Beverly é um intelectual de meia idade, professor e poeta premiado. Apesar de ser um personagem que aparece pouco no filme, é fundamental para o desenrolar da história.

No diálogo que citamos da abertura do filme, ele está conversando com uma jovem mulher, Johnna, contratada para cuidar da casa e, principalmente, de sua esposa, Violet (Meryl Streep), que está com um câncer na boca e enfrenta um tratamento com quimioterapia.

Logo no início do filme Beverly desaparece e, então, Violet convoca toda a família para se reunir em sua casa. Durante esse encontro, que dura alguns dias, são revelados - em meio à muito sofrimento - alguns segredos da família Weston.

IV.I.II Violet

Violet, casada com Beverly, é uma mulher dura e violenta, que tenta conviver com as suas próprias dores físicas e psicológicas, tendo se tornado dependente do uso de medicamentos controlados.

Em várias cenas e diálogos ao longo do filme, percebemos que a infância de Violet foi muito sofrida e difícil e que até os dias atuais ela tem dificuldade de carregar a sua própria história, cultivando um sentimento de ódio muito forte pelos erros de sua própria mãe. A personagem afirma que o seu passado a fez ser quem é: forte e agressiva, permeada por comportamentos cruéis.

Ela é diagnosticada com um tumor na boca e enfrenta um difícil tratamento de quimioterapia que a fez perder muito de seu cabelo, usando uma peruca para disfarçar as falhas. Em algumas cenas, nós a assistimos tirar e colocar a peruca, o que pode sugerir a dificuldade da personagem de viver sendo quem é, precisando, às vezes, ser outra pessoa. Para além da doença orgânica, ela também está psiquicamente doente, aparentando ódio à vida, ao seu casamento e às suas filhas.

Violet aparece como uma pessoa difícil de lidar e de conviver, tornando o ambiente muitas vezes pesado e hostil. É como se apenas a sua presença fosse capaz de criar uma atmosfera tensa, em que a qualquer momento algo de ruim acontecerá. Ironicamente, ao mesmo tempo em que é muito sofrida, Violet também é uma mulher divertida, com senso de humor capaz de lidar com o que há de mais difícil na vida.

Não deve ser à toa que o tumor de Violet esteja localizado em sua boca, órgão responsável por proferir tantos ataques e causar tanta dor nos outros. É também a boca que a impede de falar sobre os segredos, a matando pouco a pouco. Durante toda a reunião familiar a vemos atacar constantemente as suas filhas - Barbara, Karen e Ivy - que, assim como ela, também têm dificuldades de lidar com a presença da mãe.

IV.I.III Barbara

Barbara (Julia Roberts) é uma mulher adulta e a filha preferida de seu pai, Beverly, com quem tem grande afinidade. Já com sua mãe, demonstra grande incômodo a partir do momento em que estão juntas, parecendo não suportá-la. Seu sentimento deve ser semelhante ao de Violet, que também parece não aturar a filha, provocando no filme constantes cenas de ataques devidamente retribuídos, em que as duas são muito cruéis uma com a outra.

Em sua relação com Violet, percebemos a presença do sentimento de ambivalência, alternando entre momentos de amor e ódio. Das três filhas, Barbara é a mais parecida com a mãe - assim como Violet, ela é uma mulher amargurada e cruel.

Barbara vive no Colorado, junto com seu marido Bill (Ewan McGregor), que a acompanha à casa de Violet quando Beverly desaparece. No entanto, no decorrer do filme, descobrimos que o casal está em um processo de separação por uma traição por parte do marido com uma menina mais jovem, o que só é revelado para a família na segunda metade do filme, em um momento de briga da família. Até então, os dois mantêm a separação em segredo, fingindo que estão bem para evitarem os comentários negativos.

Juntos, eles têm uma filha de 14 anos, Jean (Abigail Breslin), que também viaja para Oklahoma com os pais. A adolescente, assim como Barbara e Violet, também não suporta a figura de sua própria mãe, preferindo sempre a companhia de seu pai,

afirmando em certo momento que Bill traiu Barbara por não aguentá-la e que, diante de um divórcio dos pais, escolheria morar com a figura paterna.

Jean, que parece competir com a mãe pelo pai, ganha a disputa. Assim como Barbara, ela também é a favorita de seu pai, que não coloca limites para a garota, a adultizando. Isso é motivo de várias brigas do casal, que não concordam com a forma de criação da filha.

Barbara, uma das protagonistas do filme, se mostra uma mulher rancorosa e infeliz com as direções da sua própria vida. Ela abandonou as suas ambições e sua carreira por seu casamento e pela sua família, mas não se sente reconhecida ou realizada, aparentando grande arrependimento pelas suas escolhas. Das três irmãs, é a única que transmite algo, já que só ela foi mãe – esse fato pode indicar quão cruel é a figura materna introjetada nas filhas, que não tem interesse em serem mães.

Assim como Violet, ela é uma mulher sofrida. As duas, apesar de não se suportarem, têm muito em comum: desde o uso de roupas largas e confortáveis até o esforço que parecem fazer para acordarem todos os dias e serem si mesmas.

IV.I.IV Karen

Karen (Juliette Lewis) também mora longe da família, na Flórida. Ela é uma mulher atraente, que se importa muito com a sua beleza. Não tem uma profissão ou carreira e não parece se incomodar com isso.

Ela é a personagem mais diferente da família, não parecendo estar tensa ou irritada o tempo todo, soando alheia à realidade que a cerca - essa forma de agir da personagem pode ser compreendida como uma certa fuga da realidade, parecendo infantil em alguns momentos, não sendo levada em consideração pelo grupo familiar.

Karen é uma mulher que busca um homem, trocando muitas vezes de namorado. Ela aparece para o encontro da família com o seu noivo, Steve (Dermot Mulroney), um homem muito ocupado com seus negócios e reuniões, que constantemente sai de cena para falar ao telefone. O casal, que se conheceu há pouco tempo, não parece se incomodar com o fato deste ser o terceiro casamento do homem.

Steve é um personagem que não tem nada em comum com a família, e que parecia despreparado para o que iria encontrar ao conhecer os Weston. O homem pouco parece se importar com a sua noiva, e flerta com a sobrinha adolescente de Karen - Jean - durante parte do filme, tentando beijá-la - indicando a repetição de Jean

perante o fato do pai ter tido um caso com uma moça bem mais nova do que ele. Nesse momento, é visto por parte da família e recriminado por todos, com exceção de Karen que o defende, voltando para a Flórida com o seu noivo: entre a família e o homem, escolhe o segundo.

IV.I.V Ivy

Ivy (Julianne Nicholson) é a única filha do casal que ficou em Osage County, assumindo a difícil tarefa de cuidar dos pais, que estão envelhecendo. Ivy é solteira e lida também com as pesadas críticas da mãe sobre não ter encontrado um homem para se casar.

Ela é uma personagem que muda muito durante o filme. No início, parece satisfeita com as suas tarefas diante dos seus pais, mas ao longo da narrativa, demonstra uma grande hostilidade com as suas irmãs, que acredita terem a abandonado e fugido de suas responsabilidades.

A personagem se sente sobrecarregada e sem espaço para ir atrás de seus desejos. No decorrer do filme, acompanhamos o seu processo de se conhecer, se livrando de parte da bagagem que não lhe pertence, permitindo-se ir atrás de seus próprios desejos, apesar dos vários obstáculos e sofrimentos que enfrenta para ser quem realmente é.

IV.I.VI Mattie Fae

Além das filhas, Mattie Fae (Margo Martindale), irmã de Violet, também participa da reunião familiar, junto com o seu marido, Charles (Chris Cooper) e seu filho, Little Charles (Benedict Cumbertach).

Violet e Mattie Fae são muito próximas e partilham uma infância sofrida, pobre e instável, com uma mãe autoritária, em que as irmãs precisaram se apoiar uma na outra para sobreviverem. Em determinada cena do filme, Violet conta para as suas filhas: *“My mom was a mean, nasty and mean old lady. I suppose that is where I get it from”*⁷³ (83min05).

Assim como Violet, Mattie Fae também tem um bom senso de humor, tirando várias risadas do espectador, alternando com momentos de grande sofrimento e solidão.

⁷³Tradução livre: “minha mãe era uma velha má e sórdida. Acho que foi dela que herdei essas qualidades”.

Tal como Violet, Mattie Fae também ataca constantemente seu filho, Little Charles, demonstrando grande desprezo por ele, o considerando um *loser* (perdedor) e sem talento para nada - dando-lhe o apelido de *Little* (pequeno), literalmente o diminuindo diante do mundo. Assim como sua mãe e como Violet, também é uma mãe muito rígida e impaciente.

Seu marido, Charles, por outro lado, é muito amoroso e carinhoso com o filho, demonstrando muita chateação com a forma que a esposa trata o filho, pedindo a ela que o enxergue como o homem doce que Little Charles é, em uma tentativa de libertá-lo da sua constante tentativa de aprovação da mãe: *“I look at you and your sister and the way you talk to people and I don’t understand. I can’t understand why folk can’t be respectful one to another”*⁷⁴ (88min25).

IV.I.VII Johnna

Johnna é uma personagem que participa de poucas cenas, mas é importante para o desenrolar do filme. Ela é a cuidadora contratada por Beverly para acompanhar Violet.

A personagem é descendente de índios, característica que Violet ressalta durante todo o filme, em uma tentativa de desmoralizar a moça, que aparece sempre quieta, contrastando com os gritos da família.

A cuidadora parece ter a função de silêncio na casa, sustentando e possibilitando o desvelamento de tantos segredos que são revelados aos berros, enquanto os alimenta e limpa a casa - como se estivesse tirando os resíduos que sobraram da família.

IV.II Desenvolvimento da história e possíveis leituras dos simbolismos de Álbum de Família

Retornemos ao desenrolar da história desde seu início. Logo após Violet perceber que Beverly estava desaparecido, recorre a Mattie Fae e Ivy para que a ajudem a encontrá-lo. Diante da notícia, Ivy acredita ser melhor chamar as irmãs para viajarem à casa da mãe e ajudá-la nesse período.

O reencontro entre Violet e as filhas é visualmente difícil. O retorno das meninas à cidade que cresceram se revela como um retorno às suas próprias origens, à

⁷⁴ Tradução livre: “olho para você e a sua irmã e o modo como falam com as pessoas, e não entendo. Não entendo por que as pessoas não podem respeitar umas às outras”.

violência materna e ao difícil desenvolvimento de suas feminilidades. Para além do encontro das filhas com Violet, acompanhamos a difícil elaboração que a personagem faz da sua própria infância e dos seus encontros com a sua mãe. No decorrer do filme, percebemos a repetição de comportamentos ao longo das gerações de personagens femininas, que transmitem e repetem as suas feminilidades e formas de maternar, adoecendo o grupo familiar.

Ao longo da obra, percebemos a ambivalência de sentimentos das figuras maternas diante de seus filhos, manifestas nas alternâncias entre momentos de amor e de ódio por aqueles sujeitos que as introduziram na maternidade, mundo repleto de renúncias. Esse mal lidar com a ambivalência aparece como de difícil reconhecimento e elaboração.

A mulher - ou quem ocupa a posição de figura materna - é mãe muito antes do nascimento do filho: é mãe desde quando o cria e o imagina simbolicamente. Sobre ele, a mãe faz planos e projeções, o que naturalmente gera certa dificuldade em enxergar o filho real, que pouco ou nada tem a ver com o filho ideal que ela imaginou, criando obstáculos para o conhecimento de quem seu filho realmente é.

Ao longo do filme, Violet anuncia segredos de sua dura infância, nunca antes contados às suas filhas. Esses momentos acontecem sem qualquer cuidado nas falas da personagem, que despeja suas dores sobre Barbara, Ivy e Karen, não se preocupando com a forma que suas palavras poderiam reverberar, como quando narra uma violenta cena vivida com a sua irmã:

This woman (Mattie Fae) came to my rescue when one of my dear mother's many gentlemen friends was attacking me, with a claw hammer! This woman has dents in her skull from hammer blows! You think you been attacked?! What do you know about life on these plains? What do you now about hard times?⁷⁵ (64min02).

Em outra cena, Violet narra outra trágica história de sua infância, que viveu em uma noite de natal. A personagem - que na ocasião era uma adolescente - gostava de um menino que usava botas de cowboy, e pediu à sua mãe um par de botas de presente, na esperança do menino notá-la. A mãe, na véspera do dia do natal, mostrou

⁷⁵ Tradução livre: “essa mulher (apontando para Mattie Fae), me salvou quando um dos muitos amigos da minha mãe estava me atacando com um martelo! Esta mulher tem marcas no crânio de golpes de martelo! O que você sabe sobre ataques? O que você sabe sobre a vida? O que você sabe sobre tempos difíceis?”.

à filha uma caixa de sapatos embrulhada, dizendo à ela que não deveria abrir antes da manhã do dia seguinte, causando grande ansiedade na menina, que passou a noite acordada. Logo que amanheceu, Violet abriu a caixa, mas encontrou botas de trabalho masculinas, coberta de lama e fezes de cachorro, ao som do riso da mãe, que durou dias.

Nesse momento, Violet se refere à sua mãe como uma mulher diabólica, que riu diante da sua desgraça - sem perceber que repete esse mesmo comportamento em alguns momentos, produzindo risadas fora de hora, sem contexto com a realidade, provocando agressões em forma de riso. A risada, muito presente ao longo de todo filme, pode ser também compreendida como um mecanismo de defesa através do humor, possibilitando que certos materiais de difícil elaboração possam ser escoados.

Nesses e em outros momentos, podemos perceber o sofrimento não simbolizado de Violet, que se reflete nas histórias de gerações da família. Ao longo do filme, são apresentadas cenas em que Violet e Mattie Fae repetem esses traços duros e traumáticos com seus próprios filhos, através de falas violentas e críticas, provocando grande mal estar, sendo possível identificar a manutenção do ódio que lhes fora transmitido transgeracionalmente.

Nenhuma das três filhas de Violet foi capaz de se desenvolver de forma saudável, restando evidente a falta que lhes fez a introjeção de uma mãe suficientemente boa, como proposto pelo psicanalista Donald Winnicott (1956), em que a figura materna seja acolhedora o suficiente para que o desenvolvimento dos filhos seja possível de acontecer de forma saudável. Isso porque a clínica psicanalítica acredita que o bebê não nasce como uma unidade, mas é percebido por si como uma continuidade ao corpo da mãe, sendo necessário que conte com os cuidados maternos para um saudável desenvolvimento. Assim, a saúde mental e a psique do bebê se estabelecem à medida que for introduzido ao mundo externo pelos seus cuidadores. De acordo com Winnicott, a qualidade do ambiente é fundamental para o bom desenvolvimento emocional do bebê. A adequação dos cuidados às necessidades da criança por parte do cuidador é extremamente relevante para a saúde mental da criança e para o seu desenvolvimento saudável.

Para tanto, é importante que a mãe desenvolva o estado de Preocupação Materna Primária (1956), conforme proposto pelo pediatra e psicanalista inglês, a partir do fundamento de estar biologicamente condicionada para a tarefa, estando orientada para as necessidades do filho. O bebê, que possui um “ego frágil”, conta

com a mãe, que possui o ego integrado, para assumir a tarefa de acolher esse recém-nascido. Nos primeiros estágios do desenvolvimento, a mãe e o bebê se encontram em um relacionamento simbiótico, sendo a criança totalmente dependente da figura materna, necessitando que ela atue como um ego auxiliar, identificando-se e colocando-se em seu lugar. A mãe que é capaz de atingir esse estado é considerada como suficientemente boa.

A mãe que desenvolve o estado de Preocupação Materna Primária, segundo Winnicott:

Fornece ao bebê um *setting* em que a constituição do bebê pode se mostrar, suas tendências de desenvolvimento podem começar a se revelar e o bebê pode experimentar um movimento espontâneo e dominar as sensações apropriadas à esta fase inicial de vida⁷⁶.

Percebemos ao longo do filme que as gerações de mães da família Weston não criaram esse ambiente de confiança para os seus filhos, que lidam com as angústias e frustrações de crescerem em ambientes de desamparo, em difíceis tentativas de se descobrirem e serem quem são.

Poucos dias após a reunião da família, Beverly é encontrado morto e, diante da notícia, Violet aparece desconexa e alheia da realidade, em uma possível tentativa de negar a morte do marido, cantando e falando sozinha, enquanto o policial e a filha Barbara a assistem. Isto pode indicar uma possível clivagem do ego de Violet, que atua através de uma fragmentação, aparecendo como uma forma de defesa da personagem para lidar com o que está vivendo. Sem o mecanismo da clivagem, a existência de Violet poderia ser insuportável a ela.

A partir desse momento, inaugura-se um período ainda mais difícil no filme em que, enlutada, Violet conta alguns segredos de família, escondidos até então e difíceis de serem assimilados. A personagem, envolvida em praticamente todas as discussões ao longo da trama, é a porta voz de grande parte da história da família, repetindo em alguns momentos: “*Nobody slips anything by me*”⁷⁷ (102min31).

Ao longo do jantar após o funeral de Beverly, Violet revelou mais um segredo às suas filhas: o marido e ela tinham um combinado de que, caso um dos dois falecesse, todo o dinheiro do casal era do cônjuge vivo, questionando as filhas se

⁷⁶ WINNICOTT, Donald. **A preocupação materna primária**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/521674864/WINNICOTT-Preocupacao-Materna-Primaria-1956>>. Acesso em 19 de maio de 2023.

⁷⁷ Tradução livre: “ninguém esconde nada de mim”.

acreditavam nela. Diante das suas anuências, oferece vender alguns móveis de sua casa a elas, em um explícito momento de afronta, demonstrando o tamanho do seu poder sobre as três filhas.

Ainda durante o período de luto da família, são revelados, além da separação de Barbara e Bill e do abuso de Steve perante a adolescente Jean, o trágico e improvável romance dos primos Ivy e Little Charles, que mantêm em segredo o namoro.

Com receio da provável desaprovação da família, os primos combinam de fugirem juntos, sendo seus planos descobertos por Barbara, que revela a história para Mattie Fae, acreditando estar ajudando a irmã a perceber que o relacionamento entre família não é saudável: na verdade, parecia avisar que *qualquer* forma de relação dentro daquela família não era saudável.

A notícia do namoro entre os primos desvela um dos grandes segredos da família: Mattie Fae revela, em segredo a Bárbara, que viveu um romance com Beverly, enquanto já eram casados com seus companheiros. Dessa relação entre cunhados nasceu Little Charles, sendo ele a manifestação do romance proibido e da traição à própria irmã. Isso explica parte do motivo do sentimento de rancor que Mattie Fae tem pelo filho e a dificuldade de amá-lo: ele é a personificação de toda a culpa da mãe, que é lembrada diariamente de sua infidelidade. Em uma possível tentativa de conviver com o seu erro, Mattie Fae tenta negar a traição ao escolher o nome de Little Charles, remetendo ao nome do seu marido, Charles: ao menos o nome seria dele.

Ao longo do filme, Little Charles parece ter alguma notícia inconsciente sobre o seu verdadeiro pai, como quando confessa que esqueceu de colocar o alarme para o enterro de Beverly e explica que talvez o tenha feito de propósito, ainda que não entendesse o motivo, se mostrando muito preocupado com a possibilidade do tio estar decepcionado com ele.

Charles também parece captar algo, como quando diz que acha alguns comportamentos de Little Charles muito parecidos com os de Beverly, sendo rapidamente interrompido por Mattie Fae, com duras críticas ao garoto. Outra cena de importância é a do jantar após o funeral de Beverly, em que Barbara - ainda alheia da traição da tia - solicita que Charles faça a prece e homenageie o seu pai, dizendo: "*Uncle Charlie should say it, he's the patriarch around here now*"⁷⁸ (50min02).

⁷⁸ Tradução livre: "o tio Charles deve falar. Ele é o patriarca agora".

Durante um jantar com Barbara e Violet, Ivy decide contar seus planos de morar em Nova York com Little Charles, sendo constantemente interrompida por Barbara que, ciente do verdadeiro parentesco do casal e da traição de Mattie Fae, tenta impedir que os segredos sejam revelados, com a intenção de perpetuar o não-dito familiar.

Para ser escutada, Ivy quebra o seu prato de jantar, comportamento repetido por Violet e Barbara. A cena sugere que, assim como os pratos, estão sendo quebrados também os segredos familiares, irrompendo com os não-ditos de gerações de mulheres. Esses desvelamentos, assim como os pratos caindo ao chão e quebrando, também acontecem em forma de violência, deixando resíduos nos sujeitos, que, diante das notícias, podem não as suportar e se quebrarem.

Violet, então, revela que sempre soube do caso entre seu marido e sua irmã, bem como que seu sobrinho é, na verdade, filho de Beverly. A notícia, que surpreende Barbara, demonstra como o segredo de família se faz vivo, como é percebido que há algo sendo escondido, mas como é difícil fazê-lo ser mostrado e trazido à realidade.

No entanto, Ivy, ao descobrir a origem do garoto, não suporta viver com a realidade e o ódio à sua família, precisando fugir daquela realidade. Ela mantém suas promessas de amor por Little Charles, ainda que aos gritos de Barbara de que são irmãos. Namorar o próprio irmão parece mais fácil do que viver com sua mãe e irmã.

Já no final do filme, um último segredo é contado: o suicídio de Beverly. Violet revela a Barbara que o marido a deixou uma carta de despedida, com o contato do motel em que estava hospedado, caso a esposa quisesse ter uma última conversa. Diante da falta de contato de Violet, Beverly morre.

A viúva logo se justificou, dizendo que não acreditava que ele seria capaz de cometer suicídio, mas que ao invés de impedi-lo, foi ao banco tirar o dinheiro de suas contas conjuntas. Por não ter impedido a morte de Beverly, Violet parece carregar um pesado sentimento de culpa e arrependimento, e uma profunda tristeza por ter que viver com o que fez. Ela só é capaz de admitir o que aconteceu quando toda a família a deixa, só sobrando Barbara, como se de alguma forma ela pudesse compreender a mãe.

A personagem reconhece à Barbara que desejava ter dito ao marido que sempre soube de seu caso com Mattie Fae:

But, if I had a chance there in the end, I would've told him: 'I hope this isn't about Little Charles. Because you know I know all about that'. You

*know, if I reached him over to the motel I'd have said: "You would be better off if you quit choking about this old history"*⁷⁹ (105min42).

O suicídio de Beverly aparece, então, como um efeito do não-dito, revelando como é pesada a tarefa de carregar um segredo por tanto tempo. Caso Violet se dispusesse a escutar, o seu marido talvez tivesse sobrevivido.

A trama de *Álbum de Família* simboliza o adoecimento das relações diante dos vários segredos de família que, apesar de causarem sofrimentos, são também estruturantes para algumas dinâmicas familiares. Por isso, enquanto os segredos são revelados, alguns integrantes do grupo não suportam viver naquela nova realidade, precisando ir embora. O filme também revela o difícil percurso a ser enfrentado para que o indivíduo consiga se diferenciar de seus pais e de seu grupo, para que possa se conhecer e reconhecer os seus desejos, em um importante processo de individuação: ser si mesmo, ainda que permeado pelo desamparo.

A família, que é o grupo que acolhe o recém-nascido e o introduz no mundo, é por vezes também o grupo que impede o sujeito de viver a sua vida e de ser ele mesmo. Beverly não suportou existir naquela família e encontrou no suicídio a sua saída. Ivy, Little Charles e Karen também não encontraram um lugar naquela dinâmica familiar e precisaram fugir para tentarem descobrir quem realmente são.

Em meio às tentativas das personagens de se haverem com suas histórias, o telespectador acompanha de perto a aproximação de Violet e Barbara. As duas têm muita dificuldade de conviverem e parecem pouco à vontade diante da presença uma da outra, brigando do começo ao final do filme. Lentamente, no entanto, vão reconhecendo-se mais e mais uma na outra, como quando Violet diz à filha: "*She is not strong, not like you, or me*"⁸⁰ (105min13). Barbara várias vezes repete o discurso da mãe e se comporta como ela - principalmente em sua relação com o marido e a filha. Ivy afirma para Barbara e Violet: "*you are monsters*"⁸¹ (103min14), apontando a semelhança entre as duas, ao qual Barbara responde que o monstro é, na verdade, a mãe - e não ela, mas Ivy encerra a discussão: "*there's no difference*"⁸² (103min38).

⁷⁹ Tradução livre: "mas, se eu tivesse a chance... Lá no final... Eu teria dito a ele 'Eu espero que isso não seja por causa do Pequeno Charles! Porque você sabe que eu sei de tudo'. Se eu tivesse falado com ele naquele motel, teria dito 'Você estaria melhor se parasse de se martirizar com essa história antiga'".

⁸⁰ Tradução livre: "ela não é forte, não é como você ou eu".

⁸¹ Tradução livre: "você são monstros".

⁸² Tradução livre: "não tem diferença".

Barbara, ao perceber a sua repetição frente à Violet, reconhece a urgência de se posicionar e de ser quem é, abandonando também a mãe, em busca de relações mais simbolizadas psicologicamente. Ela se despede durante uma última cena de briga, reconhecendo que Violet é a mais forte da família, que responde: “*In my day, family stuck together*”⁸³ - indicando o alto custo de participar do grupo, bem como a sua intenção de manter a sua família, sendo esse o principal motivo por ter sustentado tantos segredos ao longo dos anos.

Na cena final do filme, assistimos a Violet desamparada e solitária, buscando acolhimento nos braços de Johnna, a cuidadora contratada por Beverly. Presenciamos a falta de estrutura da personagem para lidar com a realidade e o seu desamparo, lembrando uma criança pedindo por colo e cuidados.

Álbum de Família é uma tentativa de mostrar tudo aquilo que não aparece nas fotografias de família, mas que atravessa as relações, tudo aquilo que não pode ser dito, não pode ser demonstrado: os sentimentos de ódio, as mentiras, os ataques, as traições, a doença mental, o vício, a vulnerabilidade e a tragédia do suicídio.

⁸³ Tradução livre: “no meu tempo, a família ficava unida”.

V. A TERAPIA FAMILIAR PSICANALÍTICA COMO POSSÍVEL ESPAÇO PARA A ELABORAÇÃO DO IRREPRESENTÁVEL

Como vimos ao longo deste trabalho, a transmissão da vida psíquica acontece, por vezes, com um grande grau de sofrimento, ao qual o sujeito não consegue escapar sozinho. Ao fazer parte do grupo familiar, partilha também de toda herança não-elaborada, mantida em estado bruto, que se repete inconscientemente pelas gerações.

De acordo com a psicanalista Evelyn Granjon⁸⁴, grande estudiosa do tema da Terapia Familiar Psicanalítica, a disfunção do aparelho psíquico familiar se manifesta no âmbito intersubjetivo (distúrbios da relação e da comunicação), intrapsíquico (em um ou em vários membros da família) e transpsíquico (parte comum e indiferenciada do grupo).

Dentre essas manifestações, a psicanalista elenca os possíveis sintomas do grupo familiar: a perda da coesão familiar ou relação fusional com confusão dos espaços psíquicos; abolição dos limites e das diferenças; falhas ou ausências das formações intermediárias entre o grupo e os sujeitos do grupo; perturbação da cadeia associativa familiar, com censuras e rupturas; perda da memória e da história ou de partes de histórias; e outros diversos sintomas individuais somáticos e/ou psíquicos⁸⁵.

A partir desses sinais de sofrimento familiar, percebe-se a urgência da psique de entrar em contato, elaborar, organizar e transformar essas heranças em materiais acessíveis ao nível consciente e, assim, permitir que o sujeito entre em contato com a sua bagagem e com a sua pré-história, podendo ser quem ele é.

Para esse árduo trabalho, autores que são referências no estudo da transmissão, como Renê Kaés, Evelyn Granjon, Francine André-Fustier e Olga Correa, propõem que a elaboração do material herdado e transmitido aconteça no âmbito da Terapia Familiar Psicanalítica, por envolver mais de um sujeito:

A Terapia Familiar Psicanalítica (...) levará em conta estas formações psíquicas não integradas ao psiquismo individual ou, para dizer de outra

⁸⁴ Para elaboração do presente capítulo, escolhemos trazer a perspectiva dessa psicanalista, por ser uma referência no tema da Terapia Familiar Psicanalítica.

⁸⁵ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 18.

maneira, este tecido grupal que precede a individualização psíquica, e permite o seu surgimento⁸⁶.

A Terapia Familiar Psicanalítica (TFA) é o lugar:

Que se vai reelaborar ou, simplesmente, elaborar aquilo que do passado pode se (re)presentar. Nada de novo, já que a psicanálise insiste em remexer no antes para encontrar uma explicação do depois. Mas, aqui, este trabalho diz respeito a uma família⁸⁷.

Na TFA, é proposta a constituição de um grupo terapêutico com o grupo familiar, em que participam a família e os terapeutas, sendo estabelecidas as condições de um trabalho psicanalítico:

O que motiva a psicoterapia familiar psicanalítica é, exatamente, o que desequilibra a constituição, os indivíduos, na singularidade de sua história, e que só prevalece em uma estrutura familiar repetitiva cuja história não se conhece e, portanto, na qual os indivíduos não são conhecidos⁸⁸.

O objetivo do trabalho terapêutico com o grupo é o de permitir que cada um seja sujeito no grupo e sujeito do grupo, a partir do confronto com as relações familiares.

A partir do trabalho da TFA com o grupo, espera-se que:

O que é depositado e/ou empregado neste espaço psíquico grupal, fundado em um encontro e em um “impensado” que ecoa de um lado e de outro, vai poder beneficiar processos psíquicos grupais e, particularmente, processos de transformação, de mitopoiesis⁸⁹, favorecendo a elaboração e a circulação fantasmática no interior do grupo, necessárias aos processos de individuação⁹⁰.

⁸⁶ FUSTIER, André. A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. IN: EIGUER *et al.* **A transmissão do psiquismo entre gerações**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998, p. 131.

⁸⁷ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 19.

⁸⁸ KAËS, René. **A transmissão do psiquismo entre gerações**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998, p. 15.

⁸⁹ Criação coletiva de mitos.

⁹⁰ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 23.

Assim, o grupo de Terapia Familiar Psicanalítica é um lugar de acolhimento e de depósito de certos aspectos negativos da transmissão, de histórias - ou fragmentos de histórias - censuradas ou esquecidas.

A TFA trabalha com a manifestação de alguns aspectos negativos da transmissão psíquica, fornecendo um espaço para que emerjam. Estes conteúdos são depositados ao grupo, que é acolhido pelo terapeuta, e cabe a ele assumir esses materiais traumáticos:

Trata-se, antes de tudo, nestas sessões desafiadoras e fragmentadas, que arregimentam nossas capacidades ligadoras e nossas qualidades psíquicas, de conservar sem tocá-los, se posso dizer, guardar na memória estes elementos difratados. O espaço do grupo e os terapeutas se tornam o *lugar de depósito do negativo transgeracional*, lugar de memória, lugar em que se guarda o negativo⁹¹.

É o terapeuta que deve acompanhar esses momentos e melhor amparar os sujeitos. Para isso, deve estar preparado para lidar com o material que vem a emergir:

É uma função (do terapeuta) de pára-excitação que é, sobretudo, então, a função terapêutica. Esta função não pode se estabelecer senão se for acompanhada, nos terapeutas, de uma capacidade de representação suficiente, permitindo metabolizar as questões violentas. Esta capacidade de representação, que será acionada em um segundo tempo terapêutico, já está presente na psique dos terapeutas, por meio de seu próprio trabalho de análise, tendo como base sua filiação psicanalítica⁹².

A Terapia Familiar Psicanalítica, então, é indicada para todos aqueles grupos familiares que necessitam de um lugar de depósito, para que possam elaborar os seus continentes de negativo.

Para melhor ilustrar a prática da TFA, escolhemos um caso atendido pela psicanalista Evelyn Granjon, que o apresentou no livro *Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional* (2000), organizado por Olga Correa:

Evocarei, aqui, alguns elementos da breve terapia empreendida com a família de Jane: esta garotinha de dois anos, que parecia ter um bom desenvolvimento psicológico, veio acompanhada por seus dois pais em

⁹¹ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 37.

⁹² *Ibidem*.

virtude de “terrores noturnos” muito perturbadores e que não se podiam acalmar, a criança parecia “fora de si”. Ela era a única filha e a última de uma fratria de cinco. Os pais eram de origens estrangeiras diferentes. Desde o primeiro encontro, a questão da língua familiar foi colocada, assim como a forma de falar e nomear, em família, os gritos noturnos. A palavra “medo” foi escolhida e afastou-se a palavra “terror”. A partir dos encontros seguintes, aos quais os irmãos de Jane participaram, a garotinha, que não falava, se pôs a desenhar, e vimos aparecer uma enorme garatuja negra feita em um mesmo papel por Jane e seu irmão mais novo. Surpresa de todos, pois, nesta família, todos são “artistas” e as crianças desenhavam muito bem. Proponho guardar “em meu relatório” esta grande garatuja “negra como um medo”. Cada um começou a falar de seus medos, e o pai, em um grande momento de emoção, evoca um período negro de sua vida sobre o qual não fala, em que o terrorismo reinava em seu país. Em um atentado, quando tinha doze anos, perdeu a mãe, um irmão e, principalmente, a irmãzinha querida. Proponho conter esta catástrofe revivida, e pouco depois o pai encarou um trabalho pessoal em que pôde recuperar aquilo que lhe pertencia, liberando Jane deste pesado fardo⁹³.

A partir da vinheta deste caso, esperamos demonstrar que a elaboração desses continentes de negativo são possíveis a partir do encontro do grupo, que dão lugar e possibilitam a revelação de segredos, tornando os não-ditos em ditos.

O desafiador trabalho do terapeuta é o de ligação do material transgeracional depositado, criando um espaço de elaboração para o grupo familiar e para o sujeito, para que possa ser quem realmente é:

Este grupo, o grupo de TFA, possa ser um lugar de depósito, de retomada, de representação e de transformação do negativo da transmissão psíquica. Nosso trabalho é determinar este material e favorecer, neste espaço, a retomada da elaboração de um ‘presente composto’. O trabalho psicanalítico no grupo é dar, a cada um, a parte de que o grupo o despossui, o aliena, e aquilo a que ele deve renunciar para realizar seu próprio fim.⁹⁴

Estudar a Terapia Familiar Psicanalítica e o grupo familiar - tanto com os seus acolhimentos, quanto com as suas múltiplas renúncias e imposições - é reconhecer “a exigência do trabalho psíquico que impõe à psique sua inscrição na geração e na intersubjetividade”⁹⁵.

⁹³ GRANJON, Evelyn. A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. In CORREA, OLGA (org). **Os avatares da transmissão psíquica geracional**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 38.

⁹⁴ *Idem*, p. 39.

⁹⁵ KAËS, René. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. IN: Eiguer *et al.* **A transmissão do psiquismo entre gerações**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998, p. 19.

VI. CONCLUSÃO

Como foi visto, a família é quem recebe o sujeito no mundo, quem o ampara e o cuida, garantindo a sua sobrevivência e o introduzindo na vida em sociedade. É também a partir da família que o bebê experencia a realidade, com base naquilo que lhe é apresentado:

A família tem como tarefa fazer nascer os indivíduos para a vida psíquica, perpetuando a espécie. Para que um recém-nascido construa seu psiquismo, para que ele organize seu mundo interior, é vital que possa apoiar-se no funcionamento psíquico das pessoas que constituem seu primeiro ambiente, isto é, seus pais, sua família⁹⁶.

Como forma de retribuição, é esperado do sujeito que compactue com o seu grupo, partilhando sua história e segredos: ele recebe uma herança que não lhe pertence como indivíduo somente, mas sim como parte do grupo. A partir da partilha dessa herança, é suposto que perpetue o não-dito e o segredo em seus estados brutos, garantindo a continuação da história do seu grupo através dessa estranha transmissão psíquica às próximas gerações, com a consequente manutenção do grupo e produção de coesão familiar. Conforme discutido e exemplificado ao longo do texto, ser herdeiro dessa bagagem estrangeira é causa de profundo sofrimento psíquico, podendo afastar o sujeito de ser quem ele realmente é.

No filme “Álbum de Família”, podemos acompanhar as angústias de indivíduos que partilham de um mesmo laço familiar, onde a transmissão ocorre através do transgeracional, pela manutenção dos segredos e dos não-ditos, bem como pela atuação na via da repetição, garantindo assim a reprodução da história nas gerações seguintes: por não saber como lidar com aquela herança recebida, as personagens repetem-na, mantendo a sua transmissão em estado bruto, de difícil dissolução.

Por esse material estar localizado em continentes de negativos e, portanto, inacessíveis à consciência individual, o sujeito não encontra uma inscrição em sua psique, não sendo a eles possível uma representação. Mesmo que não seja capaz de acessar esses conteúdos, o indivíduo tem notícias de sua existência, que se manifestam como sintomas psíquicos.

⁹⁶ FUSTIER, André. A transmissão psíquica familiar pelo sofrimento. IN: EIGUER *et al.* **A transmissão do psiquismo entre gerações**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998, p. 138.

É difícil a tarefa daquele que se torna porta-voz do material irrepresentável, em busca de um registro para o seu conteúdo em meio às suas experiências individuais. Resgatar para a família aquilo que esta não suporta lembrar se apresenta como um risco e uma ameaça de re-traumatização do grupo, podendo ocasionar a desorganização psíquica e a perda do amor que une a família: “o silêncio e o segredo são amigos nessa hora”⁹⁷.

Com medo da perda do amor intrafamiliar, aquele que persiste em desvelar o sintoma grupal pode encontrar na Terapia Familiar Psicanalítica um possível espaço de elaboração grupal, onde podem emergir os conteúdos mantidos ocultos até então. O sujeito, ainda que preso às amarras de sua família e da sociedade em que vive, ao saber de sua própria história a partir dessa nova enunciação, pode inscrevê-la em sua psique e nomear aquilo que de fato lhe pertence, para que possa ser quem realmente é.

⁹⁷ TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 77-89, jun. 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. **A Casca e o Núcleo**. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

ÁLBUM DE FAMÍLIA. John Wells. Produção de George Clooney *et al.* Estados Unidos: The Weinstein Company, 2013. **Amazon Prime Video** (121min).

CARBONE, Lilian; ENDO, Paulo. Vergonha, Trauma e Memória. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 8, p. 9-25, jan-jun de 2019. Disponível em: <<http://sig.org.br/bkp/wp-content/uploads/2020/05/Edicao14-Completa.pdf>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2022.

CORREA, Olga. **Grupo Familiar e Psicanálise: Ressonâncias Clínicas**. São Paulo: Vetor Editora, 2007.

CORREA, Olga. **Os Avatares da Transmissão Psíquica Geracional**. São Paulo: Escuta, 2000.

CORREA, OLGA. Transmissão psíquica entre as gerações. **Psicologia USP**, v. 14, n. 3, p. 35-45, 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/H75VPQqNGChsyHwFM5xXqBQ/?lang=pt>>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

DARWIN, Charles. **A Origem do Homem e a Seleção Sexual**. São Paulo: Editora Garnier, 2019.

DEBIEUX, Miriam Rosa. **O Não Dito Familiar e a Transmissão da História**. 2001. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/307/30700809.pdf>>. Acesso em: 08 de janeiro de 2023.

FIGUEIREDO, Luis Claudio. Prefácio. In: INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se Herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações**, 2006.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu, Contribuição à História do Movimento Psicanalítico e outros textos (1912-1914), **Obras Completas. Vol. 11**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos (1914–1916), **Obras Completas. Vol. 12**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. História de uma Neurose Infantil (“O Homem dos Lobos”), Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920), **Obras Completas. Vol. 14**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923), **Obras Completas. Vol. 15**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925), **Obras Completas. Vol. 16**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Moisés e o Monoteísmo, Compêndio de Psicanálise e outros textos (1937-1939), **Obras Completas. Vol. 19**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FUSTIER, André. A Transmissão Psíquica Familiar pelo Sofrimento. IN: EIGUER *et al.* **A Transmissão do Psiquismo entre Gerações**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. **Fazer-se Herdeiro**: A transmissão psíquica entre gerações. São Paulo, Editora Escuta, 2006.

KAËS, René; OLIVER, Nicolle. **A Instituição como Herança**: mitos de fundação, transmissões, transformações. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

KAËS, René. **O Aparelho Psíquico Grupal**. São Paulo: Ideias & Letras, 2017.

KAËS, René. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. IN: Eiguer *et al.* **A Transmissão do Psiquismo entre Gerações**. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

KAËS, René. **Transmissão da Vida Psíquica entre Gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LAIND, Ronald David. *La politique de la famille*. Paris: Stock, 1972 *apud* KAËS, René. **O Aparelho Psíquico Grupal**, 2017.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MISSENARD, André. Um narcisismo como herança. In: NICOLLE, Oliver; KAËS, René. **A Instituição como Herança**. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

SAFRA, Gilberto. **A Po-ética na Clínica Contemporânea**. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

TRACHTENBERG, Ana Rosa Chait. Transgeracionalidade: sobre silêncios, criptas, fantasmas e outros destinos. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 77-89, jun. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000200006&lng=pt&nrm=iso> Acessos em 19 maio 2023.

WINNICOTT, Donald. **A Preocupação Materna Primária**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/521674864/WINNICOTT-Preocupacao-Materna-Primaria-1956>>. Acesso em 19 de maio de 2023.